A Sé de Lamego no Museu

The Lamego Cathedral in the Museum

ARQUIVO MUSEU
DIOCESE LAMEGO

Museu
de Lamego

Projeto [Em]COMUM
Uma cidade. Dois museus
One city. Two museums

DR CULTURA NORTE

SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

A Sé de Lamego no Museu

Museu Diocesano de Lamego

16 março – 30 abril 2014

EXPOSIÇÃO

COMISSARIADO
Alexandra Braga
Patrícia Brás
Museu de Lamego

ORGANIZAÇÃO
Museu de Lamego
Arquivo-Museu Diocese de Lamego

COORDENAÇÃO
Luís Sebastian
Museu de Lamego

PROJETO MUSEOGRÁFICO
Luís Sebastian

PROJETO GRÁFICO
Luís Sebastian

CONSERVAÇÃO
Berta Ribeiro
Paula Pinto
Museu de Lamego

MONTAGEM
Equipa do Museu de Lamego

SECRETARIADO TÉCNICO
Paula Duarte
Museu de Lamego

SERVICO DE EDUCAÇÃO
Alexandra Braga – *coordenação*

COMUNICAÇÃO
Patrícia Brás

PRODUÇÃO GRÁFICA
Soltagiga, Lda.

TRADUÇÃO
Alexandra Braga
Lucília Monteiro
Rosa Coelho
Luísa Cardoso

CATÁLOGO

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Alexandra Braga
Museu de Lamego

TEXTOS
António Ponte
Direção Regional de Cultura do Norte
Luís Sebastian
Museu de Lamego
Pe. João Carlos Morgado
Arquivo-Museu Diocese de Lamego

ENTRADAS DE CATÁLOGO
Alexandra Braga
Georgina Pessoa
Museu de Lamego
Celina Bastos
Joaquim Oliveira Caetano
Museu Nacional de Arte Antiga
Nuno Resende
FL-Universidade do Porto
Vítor Serrão
IHA-FL-Universidade de Lisboa

GRAFISMO
Alexandra Braga

TRADUÇÃO
Alexandra Braga

REVISÃO
Alexandra Braga

FOTOGRAFIA
© Museu de Lamego | Alexandra Pessoa, José Pessoa e Paula Pinto
© Direção-Geral do Património Cultural. Divisão de Documentação, Comunicação e Informática.
Fotógrafo: José Pessoa

CAPA
Pormenor de CAT. 1
Circuncisão, Vasco Fernandes
1506-1511
Museu de Lamego, inv. 17
© Direção-Geral do Património Cultural. Divisão de Documentação, Comunicação e Informática.
Fotógrafo: José Pessoa

ISBN
978-989-98657-4-7

A opção ortográfica é da responsabilidade dos autores.

APRESENTAÇÃO

Tendo a Direção Regional de Cultura do Norte como missão "… na respectiva circunscrição territorial e em articulação com os organismos centrais da Secretaria de Estado da Cultura, a criação de condições de acesso aos bens culturais […], o acompanhamento das acções relativas à salvaguarda, valorização e divulgação do património arquitectónico e arqueológico e, ainda, o apoio a museus", é com enorme satisfação que se assiste aos frutos de uma parceria estabelecida entre agentes culturais, de diferentes quadrantes, que colocam acima de tudo a valorização e a difusão dos bens culturais.

A exposição A SÉ DE LAMEGO NO MUSEU é o primeiro momento de uma articulação que se pretende duradoura e profícua, estabelecida entre o Museu de Lamego, unidade museológica tutelada pela Direção Regional de Cultura do Norte e a Diocese de Lamego, no sentido de divulgar e promover o património de ambas as instituições.

Estas experiências configuram um novo modelo de relacionamento, entre o Estado e a Igreja, baseado na confiança mútua, vencendo barreiras do passado e projetando no futuro novos modelos de interpretação e fruição dos patrimónios.

Tendo em vista a importância do turismo e em especial do turismo cultural na dinamização sócio cultural dos diferentes locais, considerámos da maior pertinência e interesse o reforço da oferta cultural qualificada respondendo a um público cada vez mais exigente.

Cumpre, assim, felicitar ambas as instituições e os seus responsáveis pelo modo como conseguem articular os seus projetos em prol do desenvolvimento sociocultural de Lamego e da Região Norte de Portugal.

ANTÓNIO PONTE

Diretor Regional de Cultura do Norte

A exposição “A Sé de Lamego no Museu” é a primeira expressão pública do protocolo de colaboração assinado em fevereiro de 2014 entre o Museu de Lamego – DRCN e a Diocese de Lamego. A este projeto de colaboração convencionou-se atribuir a designação de **[Em]Comum**. A óbvia imposição desta designação, tão despretensiosa e direta quanto intuitiva e evidente, procura tão simplesmente dar forma e nome a uma dinâmica de cumplicidade há muito existente entre as duas instituições, que à sua ligação histórica e umbilical na génese da criação do Museu de Lamego, junta agora no presente a partilha de funções e objetivos com o espaço museológico Arquivo-Museu Diocesano de Lamego, instalado desde 2008 na antiga Casa do Poço.

O vínculo histórico que une o Museu de Lamego à Diocese de Lamego consubstancia-se antes de mais no facto de o primeiro se encontrar instalado no edifício do antigo Paço Episcopal, reedificado na segunda metade do século XVIII pelo bispo D. Manuel de Vasconcelos Pereira (1773-1786).

Já com o bispo D. Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito (1901-1922) se impõe a ideia da criação no local de um *Museu de Arte Decorativa e Ornamental*, a desenvolver em torno do núcleo original constituído pelo rico espólio do paço, incluindo tapeçaria, pintura, mobiliário, ourivesaria e paramentaria.

No entanto, com a implantação da primeira República em 1910, e consequente *Lei da Separação do Estado da Igreja* em 1911, o edifico do Paço Episcopal, incluindo o seu espólio, são então nacionalizados pelo Estado Português.

Após um processo relativamente tortuoso, incluindo como primeira intenção da Câmara Municipal a criação de um museu regional, em 1917 é finalmente criado o *Museu de Obras de Arte, Arqueologia e Numismática*, tendo como espólio inicial o recheio do Paço Episcopal, o qual veio a ser enriquecido com materiais de natureza diversa provindos da Sé, antigo Convento das Chagas, igreja da Misericórdia e Mosteiro de São João de Tarouca, entre outros.

Assim, ao espaço físico juntou-se a fortalecer esta relação entre o Museu e a Diocese a natureza e origem de algumas das suas coleções, que apesar de grandemente enriquecidas desde então pelo crescente fluxo de doações pessoais, não deixam ainda hoje de assumir os lugares de maior destaque na coleção permanente.

No presente, com a progressiva e natural imposição do Turismo cultural como um dos principais motores de desenvolvimento económico e social da região, o projeto **[Em] Comum** procura agora de modo formal sedimentar e desenvolver a união de esforços, meios e perceções no sentido de criar um dinamismo abrangente, do qual beneficie de forma direta e real a região e, inevitavelmente, a cidade. Também assim se compreende a escolha **comum** para a divulgação do **projeto** da assinatura **"uma cidade, dois museus"**.

LUÍS SEBASTIAN

Diretor do Museu de Lamego

A Diocese de Lamego congratula-se e alegra-se com a assinatura do protocolo **[Em] COMUM** que tem como primeira materialização a Exposição: “A Sé de Lamego no Museu”, iniciativa, a vários títulos feliz, na medida em que conjuga esforços, congrega instituições e irmana vontades comuns do Estado, da Igreja e da Sociedade Civil na divulgação do património, em ordem ao progresso cultural, espiritual e económico das gentes e das terras da nossa região.

A presente exposição tem como espaço geográfico três referências da cidade e do território regional: a Sé de Lamego, o Museu de Lamego e o Arquivo-Museu Diocesano que acolhe esta exposição na fidelidade ao seu desiderato de ser a Catedral da Memória; e como espaço temporal, a festa da Páscoa, que tem o seu ponto culminante na Semana Santa. Uma Solenidade anual que mobiliza a inteira sociedade, crentes e não crentes. Nela se procura um aprofundamento da fé, um enriquecimento cultural, um tempo de turismo e lazer que (re)descubra tradições seculares e costumes artesanais ou gastronómicos. Ou tudo ao mesmo tempo, porque na verdade há uma interligação profunda entre todas estas vertentes da peregrinação humana.

A visita da presente exposição vista, estudada, analisada, contemplada a partir da história da arte, do estilo pictórico ou escultórico de cada peça terá um grande valor, dada a qualidade das peças e dos autores expostos, mas ficaria necessariamente decepada na sua compreensão total, se a ela não acrescentarmos o contexto cristão que plasma a nossa cultura Lusa e Europeia.

Temos quadros de proporções geométricas muito diferentes, peças de pintura e de ourivesaria de materiais preciosos, acrescidas do génio dos autores, mas a leitura desta mostra pode começar por uma bacia, uma simples bacia para lavar os pés, como eixo que nos faz girar à volta da exposição ou como idioma que nos permite compreender toda a mensagem deste conjunto de obras que foram posse e património da Igreja-Mãe de todas as igrejas da diocese: a Sé de Lamego. Foi por conseguinte num contexto de fé, de culto e de tradição bíblica que elas foram criadas.

O gesto do Lava-pés, na Última Ceia, desvendou aos discípulos de Cristo e a nós hoje o mistério de Deus que em Cristo veio “para servir e não para ser servido” e nos mergulha a todos no mesmo caminho: o do serviço.

Esta é a tela de fundo onde tudo se vai pintar: a entrega do corpo e sangue de Cristo na cruz: promessa de quinta-feira-santa, cumprimento de sexta na crucificação e morte de

cruz, no monte calvário, até à sua Ressurreição no domingo de Páscoa: luz nova que desponta e abriu os olhos dos discípulos há dois mil anos e abre os nossos hoje. Cristo venceu a morte, vive para sempre, continua presente e a falar. É esta a chave de leitura que nos abre a compreensão dos quadros alusivos à vida dos santos: os mártires dos primeiros séculos (S. Sebastião, S. Vicente, Santa Luzia, Santa Catarina de Alexandria); dos Padres e Doutores da Igreja (S. Agostinho, S. Ambrósio, S. Jerónimo, S. Gregório Magno); figuras da Idade Média e da vida monástica (S. Bento; S. Francisco de Assis; S. Domingos; S. António de Lisboa). Todos eles são testemunhas no tempo da ressurreição de Jesus que os chamou: "Ninguém segue um morto, os mortos não falam!" (S. Agostinho).

Estado, Igreja, Sociedade Civil só terão a lucrar se encetarem um diálogo neste espaço comum que é a cultura. E as diferenças não são necessariamente obstáculo, pelo contrário, é nas fonteiras que se fazem pontes e se dialoga, complementando saberes, no reconhecimento humilde de que a verdade é plural e que dela devemos ser cooperadores e não donos.

A própria geografia da exposição nos convida a esta atitude humilde: temos quadros de grandes proporções, como os de S. Sebastião e de S. Vicente que não deixaram nada escrito, ao lado de quadros de proporções mais diminutas representando S. Agostinho, S. Ambrósio, S. Jerónimo e S. Gregório Magno que escreveram obras que enchem bibliotecas. Mas se estes são grandes aos olhos dos especialistas, dos teólogos e investigadores, os outros são muito maiores no coração da piedade popular. Não importa apenas o que se diz, o que se escreve ou o que se faz, é também importante a forma como essa vida, obra e doutrina é recebida pelos destinatários.

Ficam abertas as portas para que todas as vozes e todos os saberes se exprimam e se ouçam e que a presente exposição encontre olhos destapados, corações rasgados e mentes abertas à arte e ao engenho, ao texto e ao contexto, à forma e ao conteúdo de todas e cada uma das obras expostas nesta exposição: " A Sé de Lamego no Museu".

JOÃO CARLOS MORGADO, PE.

Diretor do Arquivo-Museu da Diocese de Lamego

ÍNDICE

CATÁLOGO

Página anterior: Museu de Lamego. Aspeto de uma sala de exposição (c. 1930)

Fig. 1 – *Criação dos Animais*, Vasco Fernandes (1506-1511). Museu de Lamego.

CAT. 1

Vasco Fernandes

(Viseu, *c*.1475 - Tomar, 1542)

Políptico da Sé de Lamego, 1506-1511

Criação dos animais 174 x 92 cm; *Anunciação* 173 x 92 cm; *Visitação* 117 x 93cm; *Circuncisão* 17 x 96 cm; *Apresentação no templo* 183 x 101 cm.

Óleo sobre madeira de castanho

Proveniente da Sé de Lamego. Retábulo da capela-mor

Museu de Lamego, Invs. 14, 15, 16, 17 e 18

Os cinco painéis que se guardam no Museu de Lamego e que são a parte existente, ou conhecida, do grande retábulo encomendado a Vasco Fernandes pelo bispo D. João Camelo Madureira para a capela-mor da Catedral lamecense, são peças do maior valor para a história da arte nacional, não apenas pela sua qualidade e posição cronológica dentro do melhor período da nossa pintura e da obra do Grão Vasco, como pela informação que nos fornece o conjunto da documentação conhecida, levantada essencialmente por Vergílio Correia. Em 7 de Maio de 1506, por 350 000 rs., 100 alqueires de trigo e duas pipas de vinho, pagas em quatro parcelas, Vasco Fernandes comprometia-se a executar um grande retábulo de mais de 6 metros de altura (30 palmos), composto por dois grandes painéis centrais com a Santíssima Trindade e a Assunção da Virgem, e doze quadros nas ilhargas, em três fiadas de duas pinturas de cada lado, tendo os oito superiores temas do Génesis, até à Criação da Eva, e nos quatro painéis inferiores a Anunciação, a Natividade, A Adoração dos Magos e a Circuncisão. Quatro meses depois, em 4 de Setembro, um novo contrato remodelou e aumentou o projecto. Ao lado dos dois grandes painéis centrais sobrepostos deviam estar agora 18 painéis, em três fiadas sobrepostas, três de cada lado dos dois centrais. A iconografia destes foi alterada, com a figura de Deus Pai, no superior e a Virgem no Trono com o Menino, no inferior. Os painéis superior representariam os momentos da Criação, os seis do meio o Ciclo de Adão, desde a sua criação até aos trabalhos depois da Expulsão do Paraíso, e a fiada inferior era dedicada à Infância de Cristo, somando-se às pinturas já determinadas a Visitação e a Apresentação no Templo. O montante pago era agora de 470 000 rs, 150 alqueires de trigo e 3 pipas de vinho, mas cabiam ao pintor todas as despesas com materiais e com a marcenaria, para a qual se tomava como referência o

Fig. 2– *Anunciação,* Vasco Fernandes (1506-1511). Museu de Lamego.

recém erguido retábulo da Catedral de Viseu. Vasco Fernandes encomendou madeira para a colocação da estrutura ao carpinteiro de Lamego André Pires e contratou a marcenaria aos flamengos João de Utreque e Arnao de Carvalho. O próprio bispo veio a encomendar mais tarde a este mestre uma Árvore de Jessé, para completar a fiada central do retábulo, por 40 000 rs., obra que Vasco Fernandes viria a pintar e a dourar com a ajuda do pintor de Tomar Fernão Anes, recebendo mais 45 000 rs. Fica claro que o pintor assumia a total responsabilidade pela empreitada, cabendo-lhe subcontratar materiais e serviços. As tábuas, por exemplo, embora preparadas pelos entalhadores, resultavam de madeira procurada pelo próprio pintor.

Tanto quanto sabemos tratava-se de um dos maiores retábulos das Sés portuguesas, e constituiu um enorme esforço económico que obrigou o bispo a endividar-se junto do Conde de Marialva e a dar ao pintor a terça das rendas de Almendra. Com uma base iconográfica de privilégio da Criação Divina, inserida depois na Vida da Virgem e no Nascimento de Cristo, não tem paralelos na iconografia posterior. Também para o autor é uma obra sem repetição. Vasco Fernandes aparece documentado em Viseu, em 1501 e, permanecendo discutível o seu papel no anterior retábulo da catedral visiense, as obras de Lamego são a mais antiga empreitada do pintor, certamente já mestre de alguma importância, ou não receberia tão vultuoso encargo. Esta cronologia remete-nos para uma aprendizagem do pintor no último quartel do século XV, um período muito obscuro da história da pintura portuguesa. Nada na sua pintura porém nos faz lembrar o que conhecemos em Portugal do século XV, e, pelo contrário, muito se relaciona com o naturalismo, o olhar atento ao detalhe e a composição descritiva da pintura lisboeta contemporânea, com quem tem documentadas relações. A sua linguagem artística é no entanto bem individualizada. Nenhum outro pintor utiliza a luz, e o claro-escuro para modelar o espaço e a paisagem aprofundando a imagem, nem reparte no espaço pictural uma sucessão de adereços e acidentes que contribuem para o seu desenvolvimento em profundidade. Por outro lado Vasco Fernandes utiliza abundantemente adereços que funcionam como quadros dentro do quadro, enriquecendo o simbolismo da cena principal e criando com ela relações que sugerem, tal como a complexa iconografia geral do conjunto, um acompanhamento directo por parte do encomendante, tanto mais que não terão futura expressão na sua obra. Cada vez mais a pintura portuguesa, na sua

Fig. 3 – *Visitação*, Vasco Fernandes (1506-1511). Museu de Lamego.

forma e no seu conteúdo simbólico, encontrará caminhos de uma crescente homogeneidade. Os cinco painéis de Lamego entreabrem-nos um mundo, de uma diversidade de tendências formais e iconográficas vindas do final da Idade Média, ainda pouco conhecido, visualmente pouco documentado e de grande fascínio.

JOAQUIM OLIVEIRA CAETANO

Referências bibliográficas:

CORREIA, Vergílio (1924) - *Vasco Fernandes Mestre do Retábulo da Sé de Lamego*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

REIS-SANTOS, Luís (1946) - *Vasco Fernandes e os Pintores de Viseu no Século XVI.* Lisboa: edição do autor.

RODRIGUES, Dalila (Direção) (1992) - *Grão Vasco e a Pintura Europeia do Renascimento*. Lisboa: CNCDP.

RODRIGUES, Dalila (2002) - *Grão Vasco. Pintura Portuguesa del Renacimiento*. Salamanca: Consórcio Salamanca 2002.

Fig. 4 – *Circuncisão*, Vasco Fernandes (1506-1511). Museu de Lamego.

Fig. 5 – *Apresentação no Templo*, Vasco Fernandes (1506-1511). Museu de Lamego.

Página anterior: Museu de Lamego. Aspeto de uma sala de exposição. Década de 1940

CAT. 2

Simão Antunes (?)

Lamentação sobre o corpo de Cristo, c. 1550-1560

Óleo sobre madeira de castanho, 200x99 cm

Proveniente da Mitra da Sé de Lamego

Museu de Lamego, Inv. 20

A pintura da *Lamentação sobre o corpo de Cristo* do Museu, de um mestre regional que sequencia elementos formais da linhagem epigonal grão-vasquina, designadamente no dramático torso de Cristo morto e, bem assim, no gosto muito detalhado pela paisagem roqueira, tipicamente beirã, com um castelo no fundo à direita, situa-se dentro das correntes artísticas mais tradicionalistas e deve documentar a actividade de uma oficina lamecense ainda muito influenciada por tais modelos. De facto, o repertório formal desta peça tardo-renascentista, com fidelidade a receitas dominantes na primeira metade de Quinhentos, desenvolve-se ainda à margem das novidades maneiristas, que o artista parece desconhecer, ainda que a pose da Virgem, com certa dureza de panejamentos, aponte para cronologia algo mais avançada.

Documentalmente, sabemos que em 1561 um pintor lamecense de nome Simão Antunes pintou para a capela do cónego Jorge Andrade, na Sé lamecense, um painel retabular precisamente com este tema, sendo tentador imaginar-se que possa ser este que hoje se expõe no Museu, ainda que sem certezas absolutas, por míngua de base comparatista segura, já que, por exemplo, desapareceu outra obra do mesmo Simão Antunes destinada à igreja de Mesão Frio e com o mesmo tema da *Paixão*, que poderia servir para avalisar autoralmente a peça do Museu. Nesses anos centrais do século XVI, Lamego ainda vivia o clima de desenvolvimento gerado pela acção de epíscopes ilustres e empreendedores como D. Agostinho Ribeiro e D. Manuel de Noronha. Estavam então sediados na cidade alguns pintores, desde o idoso Bastião Afonso (dado a conhecer por Vergílio Correia como um dos artistas ao serviço do Cabido e que chegara a colaborar com Vasco Fernandes nas obras da Sé) e o referido Simão Antunes, entre os mais tradicionalistas, o bracarense Domingos Pinheiro, que mais tarde trabalha em Viana do Castelo, e o pintor-fidalgo da casa da Infanta D. Maria António Leitão, este último o mais de estilo mais moderno, pois se conhece bem a sua obra, de inequívoca aderência aos cânones do Maneirismo ítalo-flamengo, e cujo painel

da *Visitação da Virgem* (1565) hoje em Santana de Cepões mostra um grau evolutivo em tudo distinto e superior a este painel do Museu, ainda tão tradicionalista. O cotejo entre duas peças praticamente contemporâneas e de gostos tão divergentes atesta o quanto era heterogéneo o mercado artístico lamecense, o confronto de correntes estéticas e a bitola de qualidade relativa dos artistas aí actuantes.

VÍTOR SERRÃO

Fig. 6 – *Lamentação sobre o corpo de Cristo*, Simão Antunes (c.1550-1560). Museu de Lamego.
© Fotografia: José Pessoa DGPC /Divisão de Documentação, Comunicação e Informática.

CAT. 3

Anónimo

Virgem com o Menino, séc. XVI (finais) - XVII

Óleo sobre madeira, 63x46 cm

Proveniência Mitra da Sé de Lamego

Museu de Lamego, Inv. 63

> *"Um pequeno quadro em madeira, com fundo dourado, da escola italiana, representando a Virgem moldurado em redondo pela parte superior, tendo cincoenta e seis centímetros de largura e setenta e seis centímetros de altura".*[1]

Incluída entre os bens pertencentes ao Cabido da Sé de Lamego, arrolados em 1911, a tábua, figurando a *Virgem com o Menino*, foi exarada junto dos *moveis de pequeno valôr*[2] onde curiosamente também são descritas as telas de *São Vicente* [cat. 5] e *São Sebastião* [cat 6], as duas últimas possivelmente parte de um conjunto retabular executado entre 1620-1630 por André Reinoso, que foi considerado um dos mais importantes pintores portugueses da primeira metade do século XVII. Desmantelado posteriormente, subsistem desse conjunto, diversos exemplares distribuídos pelo Museu de Lamego [cat. 4, 7-11] e Aquivo-Museu da Diocese de Lamego.[3]

A pintura foi mais tarde incorporada nas colecções do Museu de Lamego, tendo sido, em 1940, avaliada em 300$00, quantia relativamente modesta se comparada com outros exemplares da colecção.[4]

Recorrendo a uma iconografia de grande difusão na pintura portuguesa da segunda metade do século XVI e de todo o século XVII, nela figura, sobre um fundo luminoso de tom dourado, a Virgem, segurando ternamente o Menino no regaço. Apesar do clima de afectuosa intimidade que se desprende desta composição, e que o remate curvo ajuda a acentuar, a Virgem apresenta-se com uma expressão grave e contida, alheia ao gesto do Menino que brinca com uma ponta do véu que lhe cobre a cabeça, procurando distraí-la dos pensamentos em que parece imersa *como se previera los dolores que le deparará el futuro*[5].

---

[1] Ver Documento 1, em apêndice, fl. 202.

[2] *Ibidem* , fl. 201v.

[3] SERRÃO, 2006: 168-169; RESENDE, 2013: 20.

[4] AML [Arquivo do Museu de Lamego] *Cadastro dos Bens do Domínio Público do Museu Regional de Arte e Arqueologia de Lamego*, 1940., fl. 3v. A título de exemplo, cada um dos cinco painéis de Vasco Fernandes é avaliado, na mesma altura, em 500.000$00.

[5] RÉAU, 1996: 107.

A composição “ao natural”, executada com um tratamento lumínico de claro/escuro na modelação das vestes e sugestão de diferentes texturas e transparências, a luz suave e natural de tom dourado, que desce da esquerda e banha o primeiro plano, o acabamento cuidado do rosto da Virgem e a expressividade calma que emana do conjunto reflectem a influência que tiveram nas colecções portuguesas os quadros de pequeno porte, destinados a altares de devoção privada, representando a Virgem e o Menino, de acordo com uma estética pós-tridentina de filiação italiana, introduzida entre nós pelo célebre pintor de Badajoz, Luís Morales, *el Divino* (1510?-1586), de quem chegaram até aos nossos dias numerosas réplicas.

Em 1972, Luís Amaral, filho do primeiro director do Museu de Lamego, João Amaral, executou uma cópia desta pintura, que integra a colecção António Almeida Metelo Seixas, doada ao Museu de Lamego em 2013. Esta cópia tardia revela o fascínio que ainda hoje este género de pintura exerce junto dos coleccionadores, seja pela temática, seja pelo tratamento plástico, ou por ambos.

ALEXANDRA BRAGA

Referências bibliográficas:

RÉAU, Louis (1996) - *Iconografia del arte cristiano. Iconografía de la Bíblia. Nuevo Testamento.* Barcelona: Ediciones del Serbal, Tomo 1 /volumen 2.

RESENDE, Nuno (2013) – “Assunção e Coroação da Virgem”. In MORGADO, Pe. João Carlos & LOPES, Pe. Hermínio. *Igreja de Lamego. A Dimensão da Fé* [catálogo]. Lamego: Diocese.

SERRÃO, Vítor (2006) – “Assunção e Coroação da Virgem”. In RESENDE, Nuno (coord). *O Compasso da Terra.* Lamego: Diocese, vol. 1.

Fontes:

AML [Arquivo do Museu de Lamego] *Cadastro dos Bens do Domínio Público do Museu Regional de Arte e Arqueologia de Lamego*, 1940.

ACMF [Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças] - *Autos de arrolamento da Comissão Concelhia de Inventário (Lei da Separação), Freguesia da Sé,* vol. II - *Cabido,* 3 de Agosto de 1911.

Fig. 7 - *Virgem com o Menino*, Anónimo (séc. XVI-XVII). Museu de Lamego

CAT. 4

André Reinoso

(act. 1610-1640)

Repouso na Fuga para o Egito, c. 1620-1630

Óleo sobre madeira de castanho. 105x60 cm.

Proveniência Mitra da Sé de Lamego

Museu de Lamego, inv. 25

Fig. 8 - *Repouso na Fuga para o Egito.* André Reinoso (c. 1620-1630). Museu de Lamego
© Fotografia: José Pessoa. DGPC /Divisão de Documentação, Comunicação e Informática.

CAT. 5

André Reinoso

(act. 1610-1640)

São Vicente Mártir, c. 1620-1630

Óleo sobre tela. 125 x 68 cm

Proveniência Cabido da Sé de Lamego

Museu de Lamego, inv. 62

Fig. 9 - *São Vicente Mártir.* André Reinoso (c. 1620-1630). Museu de Lamego

CAT. 6

André Reinoso

(act. 1610-1640)

São Sebastião, c. 1620-1630

Óleo sobre tela. 125 x 68 cm

Proveniência Cabido da Sé de Lamego

Museu de Lamego, inv. 61

Fig. 10 – *São* Sebastião, André Reinoso (c. 1620-1630). Museu de Lamego
© Fotografia: José Pessoa. Museu de Lamego/DRCN

CAT. 7

André Reinoso

(act. 1610-1640)

São Francisco de Assis e São Bento de Núrsia, c. 1620-1630

Óleo sobre madeira de castanho. 35x85 cm.

Proveniência Cabido da Sé de Lamego

Museu de Lamego, inv. 66

CAT. 8

André Reinoso

(act. 1610-1640)

São Domingos de Gusmão e Santo António de Lisboa, c. 1620-1630

Óleo sobre madeira de castanho. 35 x 85 cm.

Proveniência Cabido da Sé de Lamego

Museu de Lamego, inv. 67

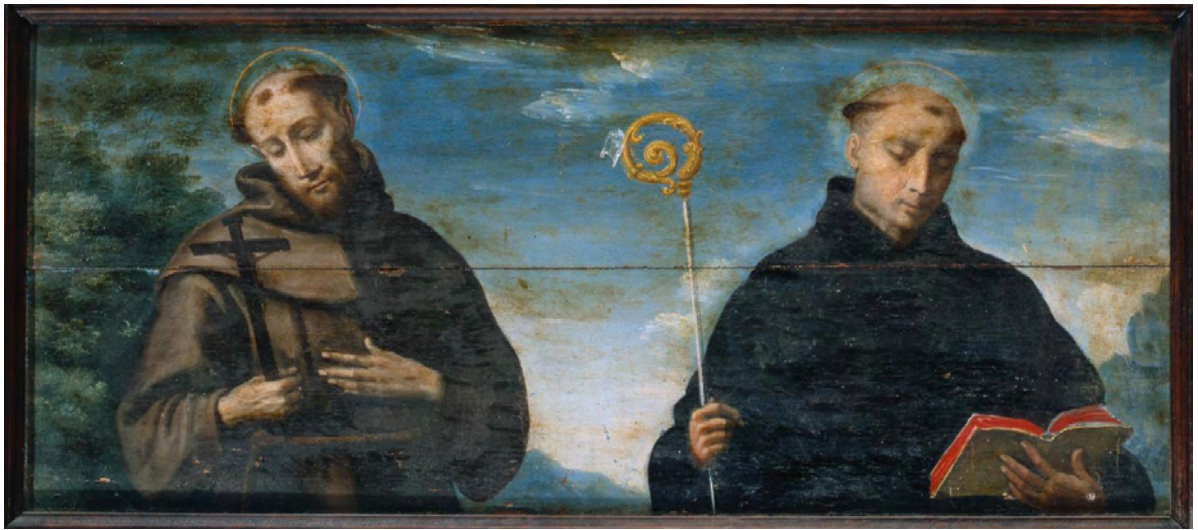



Fig. 11- *S. Francisco de Assis e S. Bento de Núrsia,* André Reinoso (c. 1620-1630). Museu de Lamego
© Fotografia: José Pessoa. DGPC /Divisão de Documentação, Comunicação e Informática.

Fig. 12 - *S. Domingos e Sto. António de Lisboa,* André Reinoso (c. 1620-1630). Museu de Lamego
© Fotografia: José Pessoa. DGPC /Divisão de Documentação, Comunicação e Informática.

CAT. 9

André Reinoso

(act. 1610-1640)

São José e o Menino, c. 1620-1630

Óleo sobre madeira de castanho. 35x65 cm.

Proveniência Cabido da Sé de Lamego

Museu de Lamego, inv. 64

CAT. 10

André Reinoso

(act. 1610-1640)

São João Baptista, c. 1620-1630

Óleo sobre madeira de castanho. 35 x 65 cm.

Proveniência Cabido da Sé de Lamego

Museu de Lamego, inv. 65

Fig. 12 - *São José e o Menino*, André Reinoso (c. 1620-1630). Museu de Lamego

Fig. 13 - *São João Batista*, André Reinoso (c. 1620-1630). Museu de Lamego

O Museu de Lamego preserva um dos maiores e melhores conjuntos de pintura seiscentista portuguesa com produção de um só autor, constituído por dezasseis painéis procedentes da Mitra da Sé lamecense. Trata-se de um acervo bem representativo dos novos caminhos estéticos e da busca de uma renovada imagem de espiritualidade que a pintura portuguesa procurava seguir no segundo e terceiro decénios do século XVII, por influxos dos ditames da Contra-Reforma, quando o esgotamento das anteriores fórmulas maneiristas se tornava claro para os mercados artísticos e era urgente, seguindo o exemplo italiano, refrescar o poder da arte sacra em termos de uma maior eficiência através de um estilo mais atraente e «*ao natural*».

São todas elas peças da autoria de um pintor de Lisboa que conhecia então uma incontestada fama: André Reinoso (act. 1610-1650). Já num inquérito oficial de 1623 se lê que ele era considerado «*hum dos milhores pintores de imaginaria dólio que há nestes Reinos*», e o seu biógrafo Félix da Costa Meesen, em 1696, destaca o seu estilo «*mui naturalista*», com uma «*maneira italiana vaga e doce*». Executadas para decorar vários espaços catedralíceos em tempo do Bispo D. Martim Afonso Mexia, estas pinturas (a que acresce também um grande painel da *Assunção da Virgem* (hoje bipartido) procedente de um dos desmantelados altares da Sé e cuja existência foi revelada na exposição *O Compasso da Terra*) atestam as potencialidades de desenho do artista. Em Reinoso existe sempre um gosto por receitas pessoais, um elegante estilo de modelação dos tecidos e das cabeças em miradas místicas, e um colorido luminoso e cálido, tudo ao estilo do naturalismo sevilhano de Juan de Roelas e toledano de Juan Bautista Maino, referências actualizadas de um artista português que cedo rejeitara o legado tradicionalista de seu mestre Simão Rodrigues (1560-1629) e se alcandorara por uma via mais vanguardística e internacionalizada, que poderá ter apreendido em Sevilha. Reinoso foi o mais operoso e seguramente o nome mais ilustre da chamada 'primeira geração proto-barroca'. Os seus quadros da *Vida de São Francisco Xavier* (c. 1619) na Sacristia da igreja jesuítica de São Roque em Lisboa tinham-lhe granjeado prestígio e o seu 'atelier' fervilhava de encomendas de ciclos religiosos um pouco para todo o Reino, incluindo os Açores e provavelmente também os espaços do Oriente.

Estas pinturas do Museu de Lamego revelam o modo como o mercado local cedo se deixou contagiar pelas novas estradas de criação dimanadas do 'centro' (Lisboa), ainda que a presença em Lamego de tantas obras de Reinoso (dezoito quadros) possa ser explicada, também, pelo facto de se saber que o artista (que tinha sangue cristão-novo na sua estirpe)

estava ligado a uma família da Beira Alta que sofreu a repressão do Santo Ofício, contando com vários membros processados pela Inquisição de Coimbra sob suspeita de judaísmo. O pintor tinha, por força desse vínculo, relações com círculos lamecenses e justifica-se que trabalhasse tanto para o cabido episcopal. Numa altura em que, por influência dos modelos estéticos do naturalismo, a arte da pintura superava os esgotados modelos maneiristas e se adequava aos cânones proto-barrocos, por influência de Madrid e Sevilha, estas peças são bom testemunho dos novos discursos da «pintura de história» contra-reformista. O *Repouso na Fuga para o Egipto*, composição muito interessante, com elegantes figuras femininas com trajes exóticos, incluindo um menino que brinca com um cata-vento, parece ainda marcada por uma construção de figura dentro da tradição do último Maneirismo em que se sente algo da marca do velho Simão Rodrigues. Mas já as quatro predelas que representam *São Francisco de Assis e São Bernardino de Siena*, *São José e o Menino, São João Baptista* e *São Domingos de Gusmão e Santo António de Lisboa* mostram um solto desenho dos tecidos e a força expressiva das cabeças, com um sentimento evoluído dentro do gosto barroco. O acervo do Museu conserva, também, duas telas de Reinoso, *São Vicente Mártir* e *São Sebastião*, a primeira das quais com uma realista dalmática de solta modelação, aos modos de um Zurbarán, e a segunda com um bom tratamento de nu, de convincente *pathos* dramático; estas duas peças poderão ser algo mais tardias e corresponder a uma campanha do artista já do tempo do episcopado de D. João Coutinho ou mesmo do de D. Miguel de Portugal. Enfim, existe ainda um ciclo de nove pequenas tábuas com figurações de *santos do hagiológio cristão* (Doutores da Igreja, Evangelistas e santas mártires), obras devocionais de capela privada, que mostram um acabamento mais irregular e serão, por isso, de provável factura oficinal.

VÍTOR SERRÃO

CAT. 11

André Reinoso

(act. 1610-1640)

Nove santos do hagiológio cristão *(SS. Ana, Agostinho, Ambrósio, Gregório Magno, Jerónimo, Marcos, Luzia, Isabel de Portugal, Catarina),* c. 1620-1630

Óleo sobre madeira de castanho. 35 x 17 cm.

Proveniência: Cabido da Sé de Lamego

Museu de Lamego, inv. 107, 109, 36, 35, 111, 110, 113, 108, 112

Fig, 14 - *S. Gregório Magno*

Fig. 15 – *Sant'Ana e a Virgem*

Fg. 16 – *Sta Isabel de Portugal*

Fig. 17 - *S. Marcos*

Fig. 18 – *Sto Ambrósio*

Fig. 19 – *S. Jerónimo*

Fig. 21 – *Sta Catarina*

Fig. 20 – *Sto Agostinho*

Fig. 22 – *Sta Luzia*

Página anterior: Museu de Lamego. Exposição da coleção de ourivesaria na capela (c. 1930)
© Fotografia: Postal antigo. Edição «Amigos Pró Museu, Biblioteca e Turismo»

CAT. 12
Simão Ferreira (atrib.)

Cálice, século XVII (primeiro quartel)

Prata dourada, fundida, cinzelada e relevada. Granadas. Alt 38x3, x d. 20,3 cm

Proveniência. Mitra da Sé de Lamego. Antigo paço episcopal de Lamego

Museu de Lamego, inv. 142

Destinado à lembrança e celebração do derramamento sacrifical do sangue de Cristo, o cálice cumpriu na história eclesiástica o dúplice papel simbólico e funcional de vaso sagrado e registo material da mundanidade. Os Evangelhos são, porém, claros quanto à passagem deste objecto (de uso vernacular) do plano terreno à qualidade de elemento providencial:

> *Durante a ceia, Jesus pegou no pão, deu graças a Deus, partiu-o deu-o aos discípulos e disse: Tomem e comam. Isto é o meu corpo. Depois pegou no cálice, deu graças a Deus, passou-o aos discípulos e disse: «Bebam todos dele, pois isto é o meu sangue, o sangue da aliança de Deus, derramado em favor da humanidade para o perdão dos pecados».* Mt, 26: 27-28 (e Mc, 14: 23-25; Lc, 22: 20)

A incorporação no rito litúrgico conferiu-lhe um significado acrescido sobre o poder espiritual memorativo da Ceia que o poder temporal acentuou aplicando-lhe materiais e fórmulas artísticas destinadas a sublinhar a importância do objecto, conquanto o seu uso se destaca nos gestos num dos momentos mais destacados da liturgia.

De resto a importância do cálice na liturgia explica a crescente complexificação da estrutura inicialmente simples: pé, haste e bojo. A inclusão, como neste caso do cálice de Lamego, de tintinábulos, associa ao momento da elevação a lembrança, sonora, do momento solene que recorda as palavras de Cristo aos seus discípulos.

Obra primeiramente associada aos últimos anos do século XVI, viu a sua cronologia afinada por alguns autores aos dois primeiros decénios do século XVII, por comparação ao modelo e gramática ornamental com o cálice de Coimbra (ver imagem), atribuído à lavra do ourives conimbricense Simões Ferreira.

Nesse sentido, aceitando a cronologia e a autoria e porque integrado no património da Mitra (embora associado ao património das Chagas onde não aparece registado), julgou-se acertado traçar a sua chegada a Lamego pela mão de Martim Afonso Melo (1601-

1613) ou do seu precursor Martim Afonso Mexia - ambos antístites da cátedra lamencense no início do século XVII e ambos com ligações à cidade do Mondego.

Não obstante a ausência de documentação que permita corroborar o percurso referido nada obsta a que se impute ao primeiro prelado a remessa da excepcional peça, porquanto em 1599 aquele escreve ao Cabido questionando-o sobre os ornamentos da sé e a necessidade de os renovar (Fonseca, 1789: 100). Porém, quer o bispo Melo, quer o bispo Mexia, ambos pelo percurso biográfico e pela carreira eclesiástica dispunham das relações e conhecimentos necessários para assegurar tal oferta ao pecúlio capitular ou ao património da Mitra.

Outrossim não é possível, para já, excluir a hipótese de outro ofertante (a inexistência de emblema ou marca heráldica na peça assim o permite) ou até incorporação posterior à cronologia de execução.

Em 1917 passou a integrar os bens nacionais, sendo aplicado à constituição do nascente Museu Regional de Lamego. Foi assim esvaziado da sua expressão sagrada, apresentando-se na mera condição estética de objecto artístico, não obstante incluir-se desde então na esfera denominativa, de resto redutora e até paradoxal, de *arte sacra*.

O trabalho, de prata dourada, fundida, cinzelada e relevada, desenvolve-se no sentido vertical ao longo da base circular, haste e copa, de onde pendem sete tintinábulos. Salienta-se o excepcional trabalho de ornamentação que na base apresenta três cartelas ovais com as representações em relevo de Cristo, São Miguel e do Santo Sudário. A exuberância da peça é acentuada por seis aletas quiméricas que a meio da haste prolongam para o exterior a delicada estrutura de suporte da copa, efusivamente decorada por cabochões, motivos geométricos e vegetalistas. Os primeiros elementos marcam a ornamentação da falsa copa, intercalada por querubins, festões de frutos e quimeras.

Notável peça de ourivesaria para uso em pontificais e festas solenes presididas pelo bispo, pode associar-se a um dos períodos mais fecundos da cátedra lamecense, marcado pela presença ou nomeação de prelados conscientes da importância da arte enquanto expressão de poder espiritual e naturalmente temporal dado o perfil genealógico dos antístites de então.

NUNO RESENDE

Referências bibliográficas:

AMARAL, João (1961) - *Roteiro Ilustrado da Cidade de Lamego*. Lamego: [s/editor], p. 66.

[FLÓRIDO, Abel] (1983) - *Museu de Lamego: ourivesaria*. Lamego: Museu da Lamego/IPPC.

FONSECA, João Mendes (1789). - *Memoria chronologica dos excelentissimos prelados, que tem existido na cathedral desta cidade de Lamego* **[...]**. Lisboa: [Na Of. de Antonio Rodrigues Galhardo], p. 100.

LARANJO, F. J. Cordeiro (1991) - *Museu de Lamego*. Lamego: C.M.Lamego, p. 67.

RODRIGUES, José Júlio (1908) - *O Paço Episcopal de Lamego*. Porto: [Typ. a vap. da Emprêsa Litteraria e Ttypogrpahica], p. 25.

Fontes:

IAN/TT [Arquivos Nacionais Torre do Tombo], Mitra de Lamego, Lv.º49, Inventário das Alfaias, movens, e bens de Raiz, pertencentes ao Paço Episcopal. Lamego: 1821, fl.6 e 6v.

IAN/TT, Mitra de Lamego, Lv.º 50, Inventário do Espolio do Ex.mo e Rev.mo Bispo D. Joze de Jezus Maria Pinto. Lamego: 1826, fl.6.

IAN/TT, Mitra de Lamego, Lv.º50, Inventário de todos os moveis da Mitra de Lamego feito por ordem do Governo de Sua Majestade. Lamego: 1860; fl.2v.

Fig. 23 – *Cálice.* Simão Ferreira (atrib.) (1600-1625). Museu de Lamego.
© Fotografia: José Pessoa DGPC /Divisão de Documentação, Comunicação e Informática.

CAT. 13

Anónimo

Píxide, século XVIII (2.ª metade)

Prata dourada, relevada e incisa. Alt. 38 x D. 18 cm.

Proveniência Sé de Lamego.

Museu de Lamego, inv. 143

Notável exemplo da introdução de ornamentação rococó no já enraizado barroco português, a píxide de Lamego não deixa de, em termos formais, apresentar o significado e a função que desde a actividade reformista do século XVI lhe foi atribuída pelo uso em contexto litúrgico. De facto é na copa, em forma de urna, que o artífice nos elucida sobre a importância da peça: três cartelas ou medalhões trilobados registam em relevo as cenas da Última Ceia, da Ressurreição e do Pentecostes que definem a relevância do objecto enquanto guardião do alimento consagrado. Continente do Pão da Vida, sepulcro do Corpo de Cristo, receptáculo para a substanciação do Espírito a píxide é, ao contrário do cálice mencionado nos evangelhos um objecto criado na sequência do rito eucarístico. A base sustenta o sentido teológico da copa: um feixe de espigas de trigo, um cacho de uvas e o cordeiro místico definem o alimento sagrado e a sua importância sacrificial transubstanciada na hóstia.

Embora se não conheça o seu percurso desde a execução até à incorporação no património da Mitra lamecense (que poderá ter ocorrido durante um dos longos episcopados da segunda metade do século XVIII) a píxide de Lamego apresenta notáveis semelhanças com algumas peças setecentistas tardias de produção portuense.

A aproximação a esta cidade, notável pela qualidade do trabalho dos seus ourives, verifica-se, aliás, noutros objectos do acervo episcopal. E como sabemos, a relevância cultural e artística dos bispos dependia inquestionavelmente dos seus círculos familiares e até da sua origem, como se deduz do facto de uma das grandes encomendas de alfaias litúrgicas no século XVIII ser atribuída à figura de D. Nuno Álvares Pereira de Melo, que em Lisboa, onde nascera e vivera à sombra da sociedade de corte, fora buscar a obra do ourives Tomás Correia com que presenteara a cátedra por si ocupada desde 1709 (ver BRAGA em RESENDE, 2006, I: 208-210).

Toda a centúria de setecentos foi para a sé de Lamego uma manifesta época de ouro no

sentido material e espiritual do termo, de que a dotação da catedral de grandes e vistosos conjuntos de alfaias litúrgicas (na sequência das grandes campanhas de obras que o próprio edifício recebeu) testemunham.

A píxide ou cibório, pela importância da sua função de salvaguarda do Alimento Sagrado associa-se a um conjunto de alfaias e elementos arquitectónicos que constituem o património sacro das igrejas, como a patena (que cobre o cálice) e o sacrário ou tabernáculo reservatório maior da Eucaristia.

NUNO RESENDE

Referências bibliográficas:

[S.a.] (1949) - *Artes Decorativas do Século XVII e XVIII* (catálogo). Porto: Museu Nacional Soares dos Reis, 1949.

BRAGA, Alexandra (2006) - "Píxide". IN *RESENDE*, Nuno, coord. *O Compasso da Terra. A Arte enquanto caminho para Deus*, vol. I. Lamego: Diocese de Lamego, pp. 208-210.

[FLORIDO, Abel] – *Ourivesaria: Museu de Lamego*. Lamego: Museu de Lamego/IPPC.

LARANJO, F. J. Cordeiro (1991) - *Museu de Lamego*. Lamego: C.M.Lamego, p. 40.

RODRIGUES, José Júlio (1908) - *O Paço Episcopal de Lamego*. Porto: [Typ. a vap. da Emprêsa Litteraria e Ttypogrpahica], p. 28.

Fig. 24 - *Píxide*. Anónimo. (1750-1800). Museu de Lamego.

CAT. 14

João Rodrigues da Costa Negreiros

Reservas dos Santos Óleos, 1775-1800

Prata fundida, cinzelada, relevada e incisa. Alt. 49x L. 32; D (base) 16,3 cm.

Proveniência. Antigo Paço Episcopal de Lamego

Museu de Lamego, invs. 166, 167

Na Eucaristia da Quinta-Feira Santa são consagrados e benzidos os óleos destinados aos actos do Baptismo (óleo dos catecúmenos), ao Crisma (óleo da Confirmação) e aos doentes. Para tal são depostos, frente ao altar, três vasos ou vasilhas que o bispo consagra, sendo o sacro líquido posteriormente distribuído por reservas menores destinadas ao múnus paroquial.

Até aos nossos dias chegaram, entre o vasto espólio de alfaias litúrgicas do acervo episcopal de Lamego, duas vasilhas ditas dos Santos Óleos que apesar de clara influência rococó apresentam nas linhas sóbrias (que alguns autores atribuem a recorte vernacular) as modas classicizantes que servirão de matriz à ourivesaria religiosa e mundana de finais do século XVIII e do subsequente século XIX.

De facto tal cronologia de produção e as marcas de contraste e ourives que lhe foram atribuídas confirmam a execução das peças em contexto de oficina portuenses, mais concretamente pela mão do artífice João Rodrigues da Costa Negreiros.

É estranha a circunstância de tais peças andarem associadas a uma bacia (inv.209) subvertendo assim a utilização das mesmas em outro momento das liturgias pascais.

Não obstante nos inventários de 1821, 1826, 1860, 1908 e 1940 são sempre referidas como bilhas, jarros ou ânforas, conjuntamente com a dita bacia, tudo destinado à cerimónia do lava-pés.

Posto isto, é também difícil asseverar, sem que a documentação no-lo revela, qual dos bispos ao serviço da cátedra lamecense as terá incorporado no património da mitra.

NUNO RESENDE

Referências bibliográficas:

[S.a.] (1965). *Arte Sacra* (catálogo) - Lamego: Museu de Lamego, (peça nº39).

AMARAL, Maria Antónia Athayde (1998) - "Ourivesaria". *Museu de Lamego*. Roteiro. Lisboa: Museu de Lamego/IPM, p. 67.

BRAGA, Alexandra (2000) - "A Prata no Museu". *Revista da Bienal da Prata*, n.º0. Porto: Bienal da Prata, p. 15.

[FLÓRIDO, Abel] (1983) – *Ourivesaria: Museu de Lamego*. Lamego: Museu de Lamego/IPPC (peça nº16).

LARANJO, F. J. Cordeiro (1991) - *Museu de Lamego*. Lamego: C.M.Lamego, p. 40.

RODRIGUES, José Júlio (1908) - *O Paço Episcopal de Lamego*. Porto: [Typ. a vap. da Emprêsa Litteraria e Ttypogrpahica], p. 28.

Fontes:

AML [Arquivo do Museu de Lamego], "Cadastro dos Bens do Domínio Público do Museu Regional de Arte e Arqueologia de Lamego": 1940, fl.6 (verso).

IANTT: Mitra de Lamego, Livro 50, Inventário do Excelentissimo e Revendissimo Bispo = D. Joze de Jesus Maria Pinto= Lamego, 1826, fl.5v.

INTT: Inventario dos bens moveis e de raíz, capitaes, foros e mais pertenças do Mosteiro das Chagas (e conventos annexos) de Lamego - 1897, cx. 2059, IV/A-88/1.

Fig. 25 – *Reservas dos Santos Óleos*. João Rodrigues da Costa Negreiros (1775-1800). Museu de Lamego
© Fotografia: José Pessoa DGPC /Divisão de Documentação, Comunicação e Informática.

CAT. 15
João Rodrigues da Costa Negreiros

Bacia, 1775-1800

Prata batida, cinzelada e incisa. Alt.15; D (base) 42 cm.

Proveniência. Antigo Paço Episcopal de Lamego

Museu de Lamego, invs. 166, 167

Quer os inventários prelatícios oitocentistas (de 1821, 1826 e 1860), quer os cadastros posteriormente organizados na sequência da nacionalização e incorporação dos bens cultuais da igreja pela República Portuguesa (1911), esta bacia aparece associada às duas vasilhas, ditas dos Santos Óleos (inv. 166-167). A circunstância de apresentar ornamentação semelhante com as referidas vasilhas e a marca de ourives que remete a sua execução para a esfera da oficina do artífice portuense João Rodrigues da Costa Negreiros torna-a parte de uma encomenda maior que, entretanto, e desde a sua incorporação no património eclesiástico da mitra lamecense poderá ter sido truncada. Na falta de elementos factuais podemos associar esta perda à conturbada época das invasões francesas ou, um pouco mais, tarde ao período absoluto-liberal, que M. Gonçalves da Costa narra na sua obra *Lutas liberais e Miguelistas em Lamego* (Costa, 1975: 111-137).

Todavia o seu uso é determinado pela mensagem caritativa litúrgica da Quinta-feira Santa, legada por Cristo servidor (Jo, 13). Associada à última Ceia, o Lava-Pés memoriza o momento da entrega do Salvador ao seu povo, que conforta.

NUNO RESENDE

Referências bibliográficas:

AMARAL, Maria Antónia Athayde (1998) - "Ourivesaria". *Museu de Lamego*. *Roteiro*. Lisboa: Museu de Lamego/IPM, p. 67.

Arte Sacra (catálogo) (1965) - Lamego: Museu de Lamego, N.º39.

BRAGA, Alexandra (2000) – "A Prata no Museu". *Revista da Bienal da Prata*, n.º0. Porto: Bienal da Prata.

COSTA, M.G. (1975) - *Lutas liberais e miguelistas em Lamego:* documentos inéditos. Lamego: Gráf. de Lamego, 1975.

[Flórido, Abel] (1983) - *Ourivesaria* (catálogo). Lamego: Museu de Lamego/IPPC, nº 15.

LARANJO, F. J. Cordeiro (1991) - *Museu de Lamego*. Lamego: C.M.Lamego, p. 40.

RODRIGUES, José Júlio (1908) - *O Paço Episcopal de Lamego*. Porto: [Typ. a vap. da Emprêsa Litteraria e Ttypogrpahica], p. 28.

Fontes:

AML [Arquivo do Museu de Lamego] "Cadastro dos Bens do Domínio Público do Museu Regional de Arte e Arqueologia de Lamego": 1940, fl. 7.

IAN/TT [Arquivos Nacionais Torre do Tombo], Mitra de Lamego, Lv.º49, Inventário das Alfaias, movens, e bens de Raiz, pertencentes ao Paço Episcopal. Lamego: 1821, fl.6 e 6v.

IAN/TT, Mitra de Lamego, Lv.º 50, Inventário do Espolio do Ex.mo e Rev.mo Bispo D. Joze de Jezus Maria Pinto. Lamego: 1826, fl.6;

IAN/TT, Mitra de Lamego, Lv.º50, Inventário de todos os moveis da Mitra de Lamego feito por ordem do Governo de Sua Majestade. Lamego: 1860; fl.2v

INTT: Inventario dos bens moveis e de raíz, capitaes, foros e mais pertenças do Mosteiro das Chagas (e conventos annexos) de Lamego - 1897, cx. 2059, IV/A-88/1.

Fig. 26 – *Bacia*. João Rodrigues da Costa Negreiros.(1775-1800). Museu de Lamego
© Fotografia: José Pessoa DGPC /Divisão de Documentação, Comunicação e Informática.

CAT. 16

Anónimo

Cruz Relicário, séc. XVII-XVIII

Madeira, madrepérola, tinta-da-china, vidro, têxtil, pedra. Alt. 88 x L. 16,2 cm.

Proveniência: Cabido da Sé de Lamego

Museu de Lamego, inv. 765

Cruz relicário indo-portuguesa. Estrutura em madeira revestida de placas e incrustações em madrepérola, ornada de elementos iconográficos cristológicos, marianos e vegetalistas, incisos, pintados a tinta-da-china. A cruz, de tipologia latina, de secção rectangular, apresenta as hastes trilobadas com reentrâncias centrais cobertas por vidraças, onde se alojam pequenas relíquias pétreas e resplendor na intersecção destas. Encaixa por espigão em base alteada de formato trapezoidal, recortado em chaveta, assente em três pés cilíndricos dispostos longitudinalmente, apresentando o do meio a cruz de Jerusalém. Ao centro, alvéolo reentrante recortado em alfiz, de intradorso chanfrado. Contém placa em madrepérola com iconografia relevada, representando a Ressurreição de Cristo, ladeada por relíquias similares às das hastes.

A realização algo fruste supera-se na riqueza da concepção iconográfica de grande conteúdo simbólico e no carácter ornamental conferido pelo dinâmico recorte formal e pela aplicação de placas ou incrustações de madrepérola, onde se gravaram os elementos iconográficos e imagens de querubins estrategicamente colocados, uma profusão de flores e folhas de acantos que revestem toda a superfície das faces

A face frontal apresenta como elemento central, em nicho reentrante, a Ressurreição de Cristo, circundado por pequenas relíquias pétreas que preenchem também os braços da cruz. Provenientes da Terra Santa, recolhidas em diversos locais sagrados, podemos identificar relíquias do Santo Sepulcro, do Sepulcro de S. José, de S. João Baptista, do Monte Calvário, de S. Nicodemos, entre outras, colocadas sobre fino têxtil de cor vermelha.

Na superfície lateral representa-se S. José com o Menino de um lado e S. João Baptista do outro, sobrepujados pela Santíssima Trindade. Na face posterior surge a imagem da Virgem coroada. Nas laterais estão presentes imagens dos instrumentos do martírio de Cristo e a ele alusivos. Na base, ela própria simbolizando a Igreja, no elemento de suporte central, está representada a Cruz de Jerusalém adoptada pelos cruzados como

símbolo da expansão da palavra Cristo, representando a Cruz maior a lei do Antigo Testamento e as quatro menores o seu cumprimento no Evangelho de Cristo. Remetendo-nos para Jerusalém, a imagem lembra o Verbo, a Redenção e a Ressurreição esta plêiade de relíquias, identificadas e legendadas, testemunham o exemplo do ideal e da conduta cristã. Interessante sincretismo conceptual do *corpus* doutrinal sobre o qual assenta a Igreja.

Reportando-se aos primeiros séculos do Cristianismo, o culto das relíquias tem como elemento central a relíquia – *reliquiae* – restos mortais dos mártires e dos santos e sua veneração.

Na XXV sessão do Concílio de Trento, de 3 Dezembro de 1556, afirma-se a importância das relíquias postulando a legitimidade da sua veneração, ao mesmo tempo que se exigia a sua avaliação e creditação. Concílios, Constituições Sinodais e os Livros de Visitas testemunham essa preocupação de fundamentar e estimular o culto, mas também de efectiva fiscalização do cumprimento das normativas estipuladas que asseguram a sua autenticidade e boas práticas (manuseio, transladação, receptáculos e locais de guarda e exposição) e o legitimam.

A necessidade de proteger e preservar as relíquias levou à criação de extraordinários receptáculos, os relicários – objectos de várias tipologias de acordo com a dignificação a dar à relíquia, a capacidade económica, os gostos dos ofertantes e as características dos materiais. Cofres, bustos, braços, cabeças, ostensórios, cruzes, oratórios, âmbulas, pendentes ou placas encontravam-se nas formas mais frequentes. Surgiam também esculturas de vulto, estruturas de inspiração arquitectónica, colinas ou pirâmides, ou ainda formas mais abstratizantes. Escolhiam-se materiais como o ouro, a prata e as pedras preciosas, ou cristal, materiais que pelo seu carácter nobre e preciosos se consideravam mais adequados. Todavia, generalizou-se o uso da madeira, material menos dispendioso e fácil de trabalhar. Madeiras exóticas ornadas de embutidos e incrustações de madrepérola ou marfim, nesse extraordinário registo de influências indo-portuguesas, madeira de nogueira ou o carvalho, ricamente dourada, estofada, policromada, serviam de suporte à figuração de imagens normalmente associadas a um trabalho oficinal de grande qualidade e que obedeciam a cânones iconográficos rigorosos, sobre os quais os clérigos exerciam apertada fiscalização, crivo através do

Fig. 27 – Cruz-relicário. Anónimo. Séc. XVII-XVIII. Museu de Lamego

qual passavam peculiares e interessantes regionalismos. Todos os relicários deviam integrar a legenda que identificava a relíquia e o documento de da sua autenticidade e certificação, o que aliás, sucede com o relicário em apreço a que se encontram associados dois manuscritos que se conservam igualmente no Museu de Lamego (ver documentos II e III, em apêndice).

GEORGINA PESSOA

Referências bibliográficas:

BEIRANTE, Maria Ângela (2003) - Crenças, Mitos e Ritos. In *Esta é a Cabeça de São Pantaleão*, Catalogo. Porto: Ed. Instituto Português de Museus.

FONTANA, David (2003) – *El Lenguage de los Símbolos*. Barcelona: ed Blume.

MARQUES, Francisco João (2000) – Os itinerários da santidade. Milagres, Relíquias e Devoções. In Azevedo, Carlos Moreira (dir.) – *História Religiosa de Portugal*. Tomo II. S/ ed. Rio de Mouro: Circulo de Leitores S.A. e Autores.

PESSOA, Georgina Maria Rodrigues Pinto de Albuquerque (2007) – *Colecção de Bustos Relicários do Museu do Abade de Baçal. Fragmentos da religiosidade contra-reformista.* Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. (policopiado).

Página anterior: Museu de Lamego. Aspeto da exposição da sala das tapeçarias. Década de 1920

© Fotografia: Arquivo do Museu de Lamego

CAT. 17

Bancos de espaldar (oito)

Porto, Portugal, 1736

Nogueira, couro (moscóvia) e latão. A.92 x C. 219 x L. 46 cm

Proveniência Cabido da Sé de Lamego

Museu de Lamego, invs. 405 a 412

Em 1734 realizaram-se importantes obras de ampliação na Casa do Cabido e no Cartório da Sé de Lamego[1], acompanhadas de uma reforma decorativa que se alargou à aquisição de novo mobiliário. Nesse ano, a Mitra de Lamego adquiria a um oficial de Lamego[2], pelo preço de 60$000 reis, um bufete de pau-santo de grandes dimensões (Inv. 339), magnífico móvel que actualmente integra o acervo do Museu de Lamego.

Um livro de despesas da Mitra dá conta das despesas com nove bancos de espaldar, executados no Porto, destinados à casa capitular, tendo a Mitra pago, a 27 de Maio sw 1736, a quantia de 233$480 reis pelo conjunto, incluindo as despesas com o respectivo transporte.[3].

Os exemplares, que hoje integram o acervo do Museu de Lamego, ostentam um pouco usual trabalho de talha que os distingue da maioria dos exemplares desta tipologia que se conservam nas colecções nacionais, certamente executada por entalhadores das oficinas do Porto, familiarizados com a execução de retábulos de gosto barroco. Apesar da simplicidade do trabalho do couro, neste caso moscóvia decorada com pespontado, os móveis eram enriquecidos por coberturas de veludo carmesim com franjas e galões

---

[1] ANTT, Sé de Lamego, Livro 59, *Índice dos Assentos e Estatutos do Cabbido de Lamego*, fl. 51; ANTT, Sé de Lamego, Livro 84, *Livro dos Assentos do R.mo Cabido*, fl. 79v.

[2] AML, LIVRO DE CONTAS DE DESPEZAS DA MITRA. Lamego. 1735-36, fl. 56.

[3] "madeira e sua ferrage - 88.000 reis; "por cobrir os ditos bancos de Moscóvia, ponteados, a franja de retroz, e galão com pregadeira dourada" - 115.200 reis; "mais de carreto ao barco, fio, e cordas e serapilheiras p.ª se embrulharem" - 1.600 reis; por frête do barco" - 3.200 reis; e "por carreto de os trazer para cima" - 1.000 reis", AML, LIVRO DE CONTAS DAS DESPEZAS DA MITRA. Lamego. 1735-36, fl. 56. A documentação foi publicada por João Amaral in "Breves notas sobre o mobiliário do Museu de Lamego" in *Beiradouro*, Lamego, Ano I, n.º 48, 1936,p. 4.

de ouro, idênticas à que cobria o bufete da Casa do Cabido na Sé[4]. No século XVIII, tal como nas centúrias anteriores, os têxteis marcavam uma importante presença nos interiores portugueses. Mesas e móveis de assento recebiam então ricas coberturas têxteis, habitualmente da mesma cor, quando não do mesmo material, dos tecidos usados para cobrir portas, janelas, dosséis e paredes. Data de 1758 uma descrição do aposento que nos dá conta desse programa decorativo introduzido na década de trinta de Setecentos: "para a porta do poente está o Cartório e caza do Reverendisimo cabbido, ricamente ornada de belas portas de cortinas de damasco de Italia vermelho, com suas franjas, e galoens de ouro fino: no meyo daquela está hum comprido e Largo bofette de páo preto, rodeado de cadeyras com espaldar, tudo coberto de veludo carmezim, guarnecido de franjas, e galoens de ouro"[5].

No coro da Sé o Cabido dispunha de assentos fixos dotados de espaldares altos, sendo esta característica uma prerrogativa de altas hierarquias civis e eclesiásticas. Por sua vez, os bancos do Cabido, com os seus encostos rebatíveis que facilitavam o seu transporte, eram usados nas "maiores solenidades" como declara o Cabido, em 1773, em resposta às pretensões dos oficiais da Câmara que tentavam igualmente alcançar o privilégio de usar cadeiras de espaldas na catedral: "em todas as Funçoens da sua assistencia lhe manda pôr [aos oficiais] promptos assentos cobertos de veludo, e franjados de ouro, que são os mais decentes, e decorosos, que tem a Cathedral, e em que

---

[4] Ainda no início do século XX, os bancos de espaldar e o bufete mantinham as suas coberturas de veludo carmesim. Encontravam-se então na Casa do Cabido, tendo sido entregues em 1911, na sequência da Lei da Separação da Igreja do Estado, à Comissão de Arrolamento, vindo depois a incorporar o acervo do Museu de Lamego, instalado no antigo edifício do Paço Episcopal. São então descritos como "Oito bancos antigos de nogueira, esculpidos e estofados de couro, tendo cada um uma coberta de veludo antigo encarnado, agaloado a ouro" e o bufete como "uma grande mesa de pau preto, com torcidos e ferragens de metal dourado, com três metros e setenta e sete centímetros de comprimento e um metro e trinta e oito centímetros de largura, que tem servido para as sessões capitulares. Estylo século Desasete. Para esta meza ha um pano antigo de veludo de seda encarnado, agaloado a ouro e que serve para a cobrir" (ACMLMG, Autos de arrolamento da Comissão Concelhia de Inventário (Lei da Separação), Freguesia da Sé, vol. II - Cabido, 3 de Agosto de 1911, fls.195v-196). Documento I, em apêndice.

[5] ANTT, "Descripção da cidade de Lamego e sua primeyra fundação", in *Dicionário Geográfico,* vol. 19, memória 42, fls. 273 e 274.

o mesmo Cabido se assenta nas maiores solemnidades"[6]. Em diversos artigos, João Amaral recuperou o uso destes móveis, quer dos que em 1736 eram adquiridos pela Mitra, quer de exemplares de idêntico modelo utilizados anteriormente pelo Cabido. O seu uso estendia-se desde as cerimónias religiosas, como "as funções da Semana Santa e Pontifical da Páscoa", época em que eram colocados na sacristia, até às de carácter profano, como quando os cónegos assistiam aos espectáculos de cavalinhos que se realizavam no pátio do antigo Paço Episcopal ou à representação de comédias que tinham lugar naquele pátio, no Campo do Tablado ou das freiras e no largo da Sé, como as representadas por companhias espanholas ambulantes a que o Cabido assistiu em Outubro de 1679[7].

CELINA BASTOS

---

[6] ANTT, Sé de Lamego, mç. 5, Autos cíveis ..., doc. N.º 10, *Resposta que se deu a S. Magde ....em que pedião o uso de cadeiras de* espaldas, *na Cathedral desta Cidade, no anno de 1773,* n/n.
[7] AMARAL,1965a :69; AMARAL, 1965b: 105-106.

Referências bibliográficas:

AMARAL, João (1936) - “Breves notas sobre o mobiliário do Museu de Lamego”. *Beiradouro.* Lamego, Ano I, n.º 48.

AMARAL, João (1965a) - “Os Bancos do Cabido”. *Boletim da Casa Regional da Beira-Douro,* ano XIV, n.º 3, Março, pp. 68-69.

AMARAL, João (1965b) - “Águas passadas ... Despesas do Cabido de Lamego”. *Boletim da Casa Regional da Beira-Douro*, ano XIV, n.º 4, Abril, pp. 103-106.

AMARAL, João (1961) - *Roteiro Ilustrado da Cidade de Lamego*, Lamego, p. 66.

BASTOS, Celina, PROENÇA, José António (1998) - “Mobiliário”. *Museu de Lamego. Roteiro*. Lisboa: Instituto Português de Museus / Museu de Lamego, pp. 60-62.

BASTOS, Celina, PROENÇA, José António (1999) - *Museu de Lamego. Mobiliário*. Lisboa: Instituto Português de Museus, pp. 46-48, cat. 3b.

BRITO, Nogueira de [s/d] - *O Nosso Mobiliário*. Porto: Lello & Irmão, p.17.

GUIMARÃES, Alfredo e SARDOEIRA, Albano (1924) - *Mobiliário Artístico Português (Elementos para a sua História)* - I - Lamego, Porto: Ed. Marques de Abreu, pp. 74-77, figs. 12, 15 e 16.

MONTEREY, Guido de (1984) - *Terras ao Léu. Lamego*. Porto: ed. do autor, p. 258.

QUILHÓ, Irene (1970) - “Mobiliário”. *Oito Séculos de Arte Portuguesa. História e Espírito*, vol. III, Dir. Reynaldo dos Santos. [s/l]: Ed. Notícias, pp. 452 e 453, fig. 561.

RODRIGUES, José Júlio (1908) - *O Paço Episcopal de Lamego*. Porto:[Typ. a vap. da Emprêsa Litteraria e Ttypogrpahica], p. 11.

Fontes:

ACMLMG, Autos de arrolamento da Comissão Concelhia de Inventário (Lei da Separação), Freguesia da Sé, vol. II - Cabido, 3 de Agosto de 1911, fl. 196.

AML [Arquivo do Museu de Lamego]. LIVRO DE CONTAS DAS DESPEZAS DA MITRA. Lamego. 1735-36.

Fig. 28 – *Banco de Espaldar* (1736). Museu de Lamego

[EXTRA EXPOSIÇÃO]

CAT. 18

Bancos de espaldar (par)

Portugal, finais do séc. XVII – inícios do XVIII

Nogueira entalhada e couro. A. 98 x C. 180 x P. 55 cm

Proveniência Cabido da Sé de Lamego

Museu de Lamego, inv. 443a e 443b

Fig. 29 – *Banco de Espaldar*. Museu de Lamego

CAT. 19

Mesa

Lamego, Portugal, 1734

Madeira de castanho, cerejeira (?), pau-santo e bronze dourado. A.88,5 x c.379 x p.140 cm

Proveniente do Cabido da Sé de Lamego

Museu de Lamego, inv. 339

Fig. 30 – *Mesa*. Museu de Lamego

CAT. 20

Mesa

Portugal, 1750-1800

Cerejeira e bronze dourado. A.88,5 x c. 68 x p. 75 cm

Proveniente da Sé de Lamego

Museu de Lamego, inv. 342

Fig. 31 – *Mesa*. Museu de Lamego
© Fotografia: José Pessoa DGPC /Divisão de Documentação, Comunicação e Informática.

CATALOGUE

CAT. 1

Vasco Fernandes

(Viseu, *c.*1475 - Tomar, 1542)

Altarpiece of the Lamego Cathedral, 1506-1511

The Creation of the animals 174 x 92 cm; *The Annunciation* 173 x 92 cm; The *Visitation* 117 x 93cm; *The Circumcision*17 x 96 cm; *The Presentation in the temple* 183 x 101 cm.

Oil on chestnut panel

Provenance Lamego Cathedral

Museu de Lamego, Invs. 14, 15, 16, 17 e 18

CAT. 2

Simão Antunes (?)

Lamentation over the dead Christ, circa 1550-1560

Oil on chestnut panel, 200x99 cm

Provenance Lamego Cathedral

Museu de Lamego, Inv. 20

CAT. 3

Anonymous

The Virgin with Child, 16th (late)/17th century

Oil on panel, 63x46 cm

Provenance Lamego Cathedral

Museu de Lamego, Inv. 63

Cat. 4

André Reinoso

(act. 1610-1640)

The Rest on the Flight into Egypt, circa 1620-1630

Oil on panel. 105x60 cm.

Provenance Lamego Cathedral

Museu de Lamego, inv. 25

CAT. 5

André Reinoso

(act. 1610-1640)

Saint Vicent, circa 1620-1630

Oil on canvas. 125 x 68 cm

Provenance Lamego Chatedral

Museu de Lamego, inv. 62

CAT. 6

André Reinoso

(act. 1610-1640)

Saint Sebastian, circa 1620-1630

Oil on canvas. 125 x 68 cm

Provenance Lamego Cathedral

Museu de Lamego, inv. 61

CAT. 7

André Reinoso

(act. 1610-1640)

St. Francis and St. Benedict of Nursia, circa 1620-1630

Oil on chestnut panel. 35x85 cm.

Provenance Lamego Cathedral

Museu de Lamego, inv. 66

CAT. 8

André Reinoso

(act. 1610-1640)

Saint Dominic of Guzman and St. Anthony of Lisbon, circa 1620-1630

Oil on chestnut panel. 35 x 85 cm.

Provenance Lamego Cathedral

Museu de Lamego, inv. 67

CAT. 9

André Reinoso

(act. 1610-1640)

St. Joseph with the Child, circa 1620-1630

Oil on chestnut panel. 35x65 cm.

Provenance Lamego Cathedral

Museu de Lamego, inv. 64

CAT. 10

André Reinoso

(act. 1610-1640)

St. John, the Baptist, circa 1620-1630

Oil on chestnut panel. 35 x 65 cm.

Provenance Lamego Cathedral

Museu de Lamego, inv. 65

CAT. 11

André Reinoso

(act. 1610-1640)

Saints of the Christian hagiology *(SS. Anne and the Virgin, Augustine of Hippo, Ambrose, Gregory, the Great, Jerome, Mark, Lucia, Elizabeth of Portugal, Catherine of Alexandria), circa* 1620-1630

Oil on chestnut panel. 35 x 17 cm.

Provenance Lamego Cathedral.

Museu de Lamego, inv. 107, 109, 36, 35, 111, 110, 113, 108, 112

CAT. 12

Simão Ferreira (atrib.)

Chalice, 1600-1615

Gilded, cast, engraved and embossed silver. Garnets. Height 38x3, x diameter 20,3 cm

Provenance Lamego Cathedral. Former episcopal palace, Lamego.

Museu de Lamego, inv. 142

CAT. 13

Anonymous

Ciborium, 18th century (2nd half)

Gilded, embossed and chased silver. Height. 38 x Diameter 18 cm.

Provenance Lamego Cathedral

Museu de Lamego, inv. 143

CAT. 14

João Rodrigues da Costa Negreiros

Chrismatories [Holy Oil vessels], 1775-1800

Cast, chased, embossed and engraved silver. Height. 49x width 32; diameter 16,3 cm.

Provenance Former episcopal palace, Lamego

Museu de Lamego, invs. 166, 167

CAT. 15

João Rodrigues da Costa Negreiros

Basin, 1775-1800

Cast, chased, embossed and engraved silver. Height 15; diameter 42 cm.

Provenance Former episcopal palace, Lamego

Museu de Lamego, inv. 209

CAT. 16

Anonymous

Reliquary Cross, 17th-18th century

Wood, mother-of-pearl, China ink, glass, fabric, stone. Height. 88 x width16,2 cm.

Provenance Lamego Cathedral

Museu de Lamego, inv. 765

CAT. 17

Pews (*eight)*

Porto, Portugal, 1736

Carved walnut with leather upholstery. Height 92 x Length 219 x width 46 cm.

Provenance Lamego Cathedral

Museu de Lamego, invs. 405-412

CAT. 18

Pews (pair of)

Portugal, late 17th century – early 18th century

Carved walnut, with leather upholstery. Height 98 x length 180 x width 55

Provenance Lamego Cathedral

Museu de Lamego, inv. 443

CAT. 19

Table

Lamego, Portugal, 1734

Chestnut, cherrywood(?), *pau santo* wood and gilded brass.

Height 88,5x length 379 x width 140 cm

Provenance Lamego Cathedral

Museu de Lamego, inv. 339

CAT. 20

Table

Portugal, 1750-1800

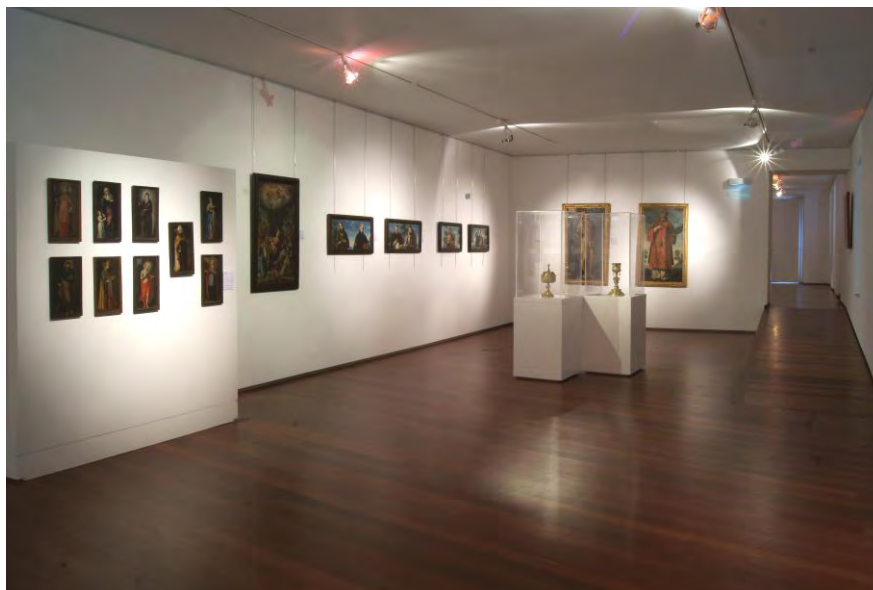
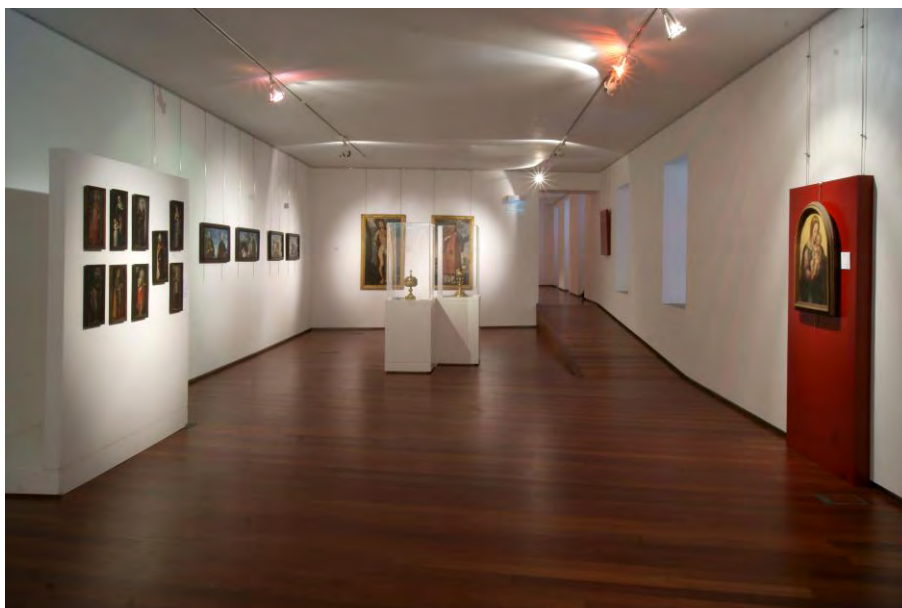
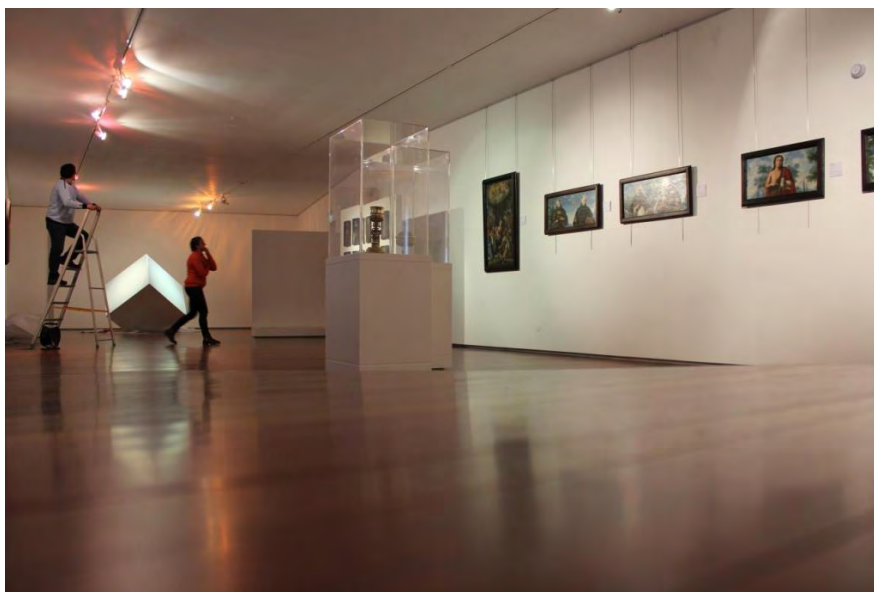
Cherrywood (?) and gilded bronze. Height 88,5 x length 68 x width 75 cm

Provenance Lamego Cathedral

Museu de Lamego, inv. 342

CULTURA
NORTE
16 de março
HTDOURO
Lamego

EXPOSIÇÃO [arquivo fotográfico]

Grão Vasco e o Retábulo da Sé
The Lamego Cathedral and the 1st Republic

Figs. 32, 33, 34 e 35 - Arquivo-Museu da Diocese de Lamego. Exposição *A Sé no Museu*
©Fotografia: José Pessoa. Museu de Lamego/DRCN

Figs. 36 e 37- Arquivo-Museu da Diocese de Lamego. Montagem da exposição *A Sé no Museu*
©Fotografia: Paula Pinto. Museu de Lamego/DRCN

SIGILLVM·GVARDIANI·SACRI·CONVENTVS·MONTIS·SION

Página anterior: Selo *Sagrado do Guardião /Convento do Monte Sião*, apenso a manuscrito, datado de 1798 (Museu de Lamego, inv. 1002), associado à cruz-relicário (CAT. 16)

APÊNDICE DOCUMENTAL

Doc. I

1911, Agosto, 3, Lamego, *Autos de arrolamento da Comissão Concelhia de Inventário (Lei da Separação), Freguesia da Sé*, vol. II – Cabido.

ACMF, CJBC – VIS – LAM –ARROL – 001

Auto de arrolamento

Aos tres dias do mez de agosto de mil nove centos e onze compareceu no edificio da Sé Cathedral de Lamego a Comissão Concelhia de Inventario, composta dos cidadãos Doutor Alfredo Pinto d'Azevedo e Sousa, Administrador d'este concelho, José Maria Pereira Rodrigues, Secretario de Finanças e Manuel Gomes, Presidente da Junta de Parochia da Sé, vogal d'esta Comissão, no que respeita á sua freguesia, por indicação da Camara Municipal, nos termos do artigo 63 do Decreto de 20 de Abril de mil novecentos e onze, afim de arrolar todos os bens de qualquer natureza que tem sido pertença do Cabido da Sé Cathedral de Lamego. Achava-se presente o Reverendo Conego Doutor Antonio Santos Costa, Presidente do mesmo Cabido, o qual declarou que os bens d'este, consistiam em fóros, capitaes mutuados por escriptura, titulos da divida publica e alguns moveis que se encontram na sala Capitular, bem estes que entrega à Comissão de Arrolamento, em obdiencia ao disposto no Decreto de 20 de Abril do anno corrente, declarando mais que os bens moveis e até outros immobiliarios, que respeitam á Sé Cathedral (fl.2) pertencem em parte á Fabrica da mesma Sé e a outra parte pertence a algumas Irmandades, instaladas na Cathedral. Terminadas estas declarações e feita a entrega dos referidos bens, começaram estes a arrolar-se pela seguinte maneira:

[Fl. 1 ao 200v] Immobiliarios
Fóros

Títulos de dívida pública

[Fl. 200v] Moveis de valôr

N.º 808[1]

[1] Anotado na margem esquerda: "Museu".

Um grande quadro belamente conservado, de Grão Vasco, representando a Circuncisão, com moldura de madeira dourada, tendo de altura um metro e oitenta e sete centimetros e de largura um metro e noventa centimetros.

N.º 809[2]

Outro quadro bem conservado, com moldura de madeira dourada, de Grão Vasco, representando a Anunciação da Virgem, tendo um metro e oitenta e oito centimetros de altura e um metro e quatro centimetros de largura.

N.º 810[3]

Outro quadro com moldura de madeira dourada regularmente conservado, tambem de Grão Vasco, representando a cena da Visitação, tendo de altura um metro e oitenta e seis centimetros e de largura um metro e oito centimetros.

N.º 811[4]

Outro quadro de Grão Vasco, egualmente mol// **[fl. 201]** durado, um pouco danificado, representando a Apresentação no Templo, o qual tem de altura um metro e noventa e um centimetros e de largura um metro e dez centimetros.

N.º 812[5]

Um quadro em madeira, de bastante valôr, representando São Canuto, tendo um metro de largura e um metro e oitenta e quatro centimetros de altura.

N.º 813[6]

Dois pequenos quadros, tendo cada um trinta e nove centimetros de altura e vinte e um centimetros de largura, e ambos elles teem a pintura de um Papa com thiara e baculo.

N.º 814[7]

Uma grande meza de pau preto, com torcidos e ferragens de metal dourado, com tres metros e setenta e sete centimetros de comprimento e um metro e trinta e oito centimetros de largura, que tem servido para as sessões capitulares. Estylo seculo desesete. Para esta meza ha um pano antigo de veludo de seda encarnado, agaloado a ouro que serve para a cobrir. [8] //

[fl. 201v] N.º 815[9]

Oito sanefas de veludo antigo, encarnado, lavrado e agaloado a ouro.[10]

---

[2] Anotado na margem esquerda: “Museu”.
[3] Anotado na margem esquerda: “Museu”.
[4] Anotado na margem esquerda: “Museu”.
[5] Anotado na margem esquerda: “Museu”.
[6] Anotado na margem esquerda: “Museu”.
[7] Anotado na margem esquerda: “Museu”.
[8] Anotado na margem direita: “ Traulitaria”.
[9] Anotado na margem esquerda. “Museu”.
[10] Anotado na margem direita: “Faltam 5”.

N.º 816[11]

Oito bancos antigos de nogueira, esculpidos e estofados a couro, tendo cada um a coberta de veludo antigo, encarnado, agaloado a ouro.[12]

N.º 817[13]

Uma cruz de oitenta e seis centimetros de altura, completamente cheia de encrostações de madreperola e marfim.

N.º 818

Um livro de cantochão, e, pergaminho, com illuminuras variadas, com a data de mil seis centos sessenta e sete, com encadernação de luxo que tem ferragens amarellas.

N.º 819

Outro livro pequeno, de tamanho de missal, muito antigo, escripto em caracteres gothicos não mostrando, por incompleto, a sua data.

Moveis de pequeno valôr

N.º 820

Tres quadros imperfeitos representando respectivamente, São Pedro, São Paulo e Nossa Senhora.//

[fl.202][14] N.º 821[15]

Quatro pequenos quadros do mesmo tamanho, em madeira, retratando com imperfeição, varios santos.

N.º 822[16]

Um quadro em tela de auctor desconhecido, representando São Vicente, tendo oitenta e seis centimetros de largura e um metro e quarenta e cinco centimetros de altura.

N.º 823[17]

Outro quadro tambem em tela da mesma epocha e do mesmo estilo do anterior, parecendo do mesmo auctor, representando São Sebastião, o qual tem oitenta e quatro centimetros de largura e um metro e quarenta e sete centimetros de altura.

N.º 824[18]

[11] Anotado na margem esquerda: “Museu”.
[12] Anotado na margem esquerda: “existem 9 das coberturas …. 7, todas ….” e na margem inferior: “trambitaria(?) … aplicada a moveis”
[13] Anotado na margem esquerda: “Museu”.
[14] Anotado no cabeçalho: “(a) = Entregue ao Cabido da Sé por auto de entrega lavrado em 30-x-952. Vide Proc.º n.º 3c/SD/9. H. Trémouville ”
[15] Anotado na margem esquerda. “Museu”.
[16] Anotado na margem esquerda: “Museu”.
[17] Anotado na margem esquerda: “Museu”.
[18] Anotado na margem esquerda. “Museu”.

Um pequeno quadro em madeira, com fundo dourado, da escola italiana, representando a Virgem, moldurado em redondo pela parte superior, tendo cincoenta e seis centimetros de largura e setenta e seis centimetros de altura.

N.º 825[19]

Uma imagem de Nossa Senhora da Concei // **[fl. 202v]**[20]cão, de escultura antiga e inferior.

N.º 826

Um banco de nogueira, esculpido e estofado a couro, alguma coisa dannificado.

N.º 827

Duas mezas de nogueira bastante dannificadas.

N.º 828[21]

Uma meza de pau nogueira, com duas gavetas, estylo Luiz quinze.

N.º 829

Um armário de nogueira com portas.

N.º 830

Uma meza de pau de pinho, tendo um metro e noventa e sete centímetros de comprimento e um metro de largura.

N.º 831[22]

Dois armarios de pau de pinho, com portas envidraçadas.

N.º 832[23]

Um bahu antigo, de madeira coberto a couro.

N.º 833[24]

Três estantes de pau de pinho.

N.º 834

Um esquife absolutamente deteriorado.//

---

[19] Anotado na margem superior: "(a)" e "Sé"

[20] Anotado no cabeçalho: "(a) (b) (c)= Entregues ao Cabido da Sé por auto de entrega lavrado em 30-X-952. Vide Proc.º 3C/SD/9. H. Trémouville " e "Na alinea (a) consta de dois armarios mas só foi entregue um"

[21] Anotado na margem esquerda. "Museu".

[22] Anotado na margem esquerda: "(a)".

[23] Anotado na margem esquerda. "(b)".

[24] Anotado na margem esquerda: "(c)".

[fl. 203] [25]**Todos estes moveis se encontram na Sala Capitular, na Sala do Archivo e no escriptorio da antiga administração, tudo situado em dependências da Sé Cathedral.**

N.º 835[26]

Um prédio rústico, sito no logar de Cide, freguezia de Vermiosa, concelho de Castello Rodrigo, denominado Tapada da Mitra, que confronta do Norte com Dona Maria Candida da Costa e do Sul com José Machado Júnior. Está descripto na respectiva matriz predial da referida freguezia e concelho, sob o artigo dois mil cento e sessenta e nove, com o rendimento colectavel de tres mil reis e está arrendado por esta quantia a Julio Almeida, da mesma freguezia de Vermiosa.

Nenhuns bens mais foram encontrados para arrolar e que pertencessem á massa do Cabido da Sé de Lamego e por isso se dá como concluído o arrolamento dos bens que pertenceram a esta entidade ecclesiastica **[fl. 203v]** que levou vinte dias a fazer em duplicado.
Lamego, 23 de Agosto de 1911.

Ass:
Alfredo Pinto d'Azevêdo e Sousa
José Maria Pereira Rodrigues
Manoel Gomes

[25] Anotado no cabeçalho: "(a) = Entregue ao Cabido da Sé por auto de entrega lavrado em 30-10-952. Vide Proc.º n.º 3C/SD/9. H. Trémouville".
[26] Anotado na margem superior: "(a)" e na margem direita: "Immovel".

[cat. 16]

Doc. II *

Arquivo do Museu de Lamego,
Inv. 1001

Eu abaixo assinado, Procurador das gentes da Terra Santa, faço saber pelas presentes palavras, a todos e a cada um que as hão-de ver, ler e igualmente ouvir, que esta cruz foi feita de madeira das oliveiras de Getsemani, e segundo a opinião comum dos pastores (ministros e também do juiz da Porta Áurea) construída com cerca de três palmos de comprimento e enfeitada com muitas partículas dos lugares santos da nossa Redenção, como consta das provas existentes na própria Cruz. Para autenticar estas coisas entreguei-as assinadas pela própria mão e carimbei com o carimbo maior da Terra Santa.
Dado em Jerusalém, no nascimento do Santíssimo Salvador, dia 17 de Agosto de 1799.

Doc. III *

AML, Inv. 1002

Fl 1
Frei Plácido de Roma, da Ordem dos Frades Menores do nosso Padre S. Francisco, alma da restauração da Província Romana, professor de Teologia, Penitenciário extraordinário da Sagrada Basílica do Vaticano, responsável pela Sagrada Congregação da Propaganda da Fé, Prefeito nas missões da Egipto e Cypre, Alto Comissário nas terras do Oriente, Guardião do Santíssimo Sepulcro de N.S.J.C. , Guarda de todos os lugares santos, Visitador e servo humilde do Senhor.
A todos e a cada um dos que hão-de ver, ler e igualmente ouvir, faço saber pelas presentes palavras que esta Cruz, feita de madeira, tem cerca de três palmos de comprimento, foi bem elaborada e adornada a toda a volta, completada com muitos dos lugares santos da nossa Redenção.
Por exemplo, do lado esquerdo:
1) Lugar onde Cristo foi preso, no Jardim das Oliveiras.
2) Lugar onde Pilatos disse: Eis o Homem.
3) João Evangelista no Monte Calvário.
4) Lugar onde Cristo estava com os Apóstolos.
5) Lugar onde Cristo foi capturado.
6) Lugar do Getsemani onde Cristo orava.
7) Cruz Santíssima da crucifixão.
8) Sepulcros de S. Paulo e Eustóquio.

* Tradução do latim para português realizada pelo Pe. Paulino Castro, a quem expressamos profunda gratidão.

10) Casa de Santa Maria Madalena.
12) Lugar onde Cristo ressuscitou Lázaro.
13) Sepulcro de S. Jerónimo.
14) Sepulcro de Santo Eusébio.
15) Sepulcro dos Santos Inocentes.
16) Igrejas dos Pastores.
17) Deserto de S. João Batista.
18) Da sua Natividade.
19) Lugar onde Maria visitou Isabel.
//fl 1 v
20) A Anunciação de Maria.
21) Sepulcro de S. José.
22) Casa de S. José.
23) Sepulcro da B. Virgem Maria.
24) Cripta de Belém onde se recolheu a B.V.M.
25) A própria Natividade.

À direita
1) Lugar onde Elias dormia.
2) Lugar onde Cristo chorou sobre Jerusalém.
3) Lugar onde os Apóstolos testemunharam sua fé.
4) Lugar onde Cristo ensinou o Pai Nosso.
5) Lugar onde Cristo subiu ao Céu.
6) O sagrado Monte de Sião.
7) A coluna da Flagelação.
8) O lenho sagrado da Cruz.
9) Lista dos impropérios
10) Sepulcro de Lázaro.
11) Pedra Berl. Onde Cristo se sentou.
12) Vestígios sagrados da Torrente de Cedrom.
13) Haceldame ?
14) Lugar donde os Apóstolos fugiram quando Cristo foi ligado.

Lugares importantes lado direito
1) Casa da B.V.M. no Monte Sião.
2) Presépio de Cristo.
3) Sepulcro da B.V.M.
4) A descoberta da Santíssima Cruz.

Lado Esquerdo
1) A Prisão de Cristo.
2) O Sepulcro de Cristo.
3) Lugar onde S. Tomás recebe a faixa da B.V.M.
4) Lugar onde Pilatos disse: Eis o Homem. Por essa razão é, para todos, um lugar muito digno.

Fl.2

“Aconselhamos a todos os cristãos que tenham em grande veneração esta Sagrada Cruz, e uma devoção muito particular. Para que façam fé nestas palavras, escritas pelo próprio punho, mandamos que sejam autenticadas com o nosso carimbo maior.

Frei Plácido de Roma
Guardião do Monte Santo de Sião

(Na parte inferior do carimbo)
“A mandado do Rev.mo P.S. Fr. Felix de Pádua
Guarda dos lugares santos da Terra Santa”.

FONTES E BIBLIOGRAFIA:

Fontes manuscritas

ACMF [Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças], Autos de arrolamento da Comissão Concelhia de Inventário (Lei da Separação), Freguesia da Sé, vol. II - Cabido, 3 de Agosto de 1911.

ACMF, Autos de arrolamento da Comissão Concelhia de Inventário (Lei da Separação), Freguesia da Sé, vol. III – Fábrica da Sé e capellas da freguezia, 24 de Agosto de 1911.

AML [Arquivo do Museu de Lamego] "Cadastro dos Bens do Domínio Público do Museu Regional de Arte e Arqueologia de Lamego": 1940.

AML. LIVRO DE CONTAS DAS DESPEZAS DA MITRA. Lamego. 1735-36.

IAN/TT [Arquivos Nacionais Torre do Tombo], Mitra de Lamego, Lv.º49, Inventário das Alfaias, movens, e bens de Raiz, pertencentes ao Paço Episcopal. Lamego: 1821.

IAN/TT, Mitra de Lamego, Lv.º 50, Inventário do Espolio do Ex.mo e Rev.mo Bispo D. Joze de Jezus Maria Pinto. Lamego: 1826.

IAN/TT, Mitra de Lamego, Lv.º50, Inventário de todos os moveis da Mitra de Lamego feito por ordem do Governo de Sua Majestade. Lamego: 1860.

INTT: Inventario dos bens moveis e de raíz, capitaes, foros e mais pertenças do Mosteiro das Chagas (e conventos annexos) de Lamego - 1897, cx. 2059, IV/A-88/1.

Bibliografia

[S.a.] (1965) - Arte Sacra (catálogo). Lamego: Museu de Lamego.

[S.a.] (1949)- *Artes Decorativas do Século XVII e XVIII* (catálogo). Porto: Museu Nacional Soares dos Reis.

AMARAL, João (1936) - "Breves notas sobre o mobiliário do Museu de Lamego". *Beiradouro*. Lamego, Ano I, n.º 48.

AMARAL, João (1961) - *Roteiro Ilustrado da Cidade de Lamego*. Lamego: [s/editor].

AMARAL, João (1965a) - "Os Bancos do Cabido". *Boletim da Casa Regional da Beira-Douro*, ano XIV, n.º 3, Março, pp. 68-69.

AMARAL, João (1965b) - "Águas passadas ... Despesas do Cabido de Lamego". *Boletim da Casa Regional da Beira-Douro*, ano XIV, n.º 4, Abril.

AMARAL, Maria Antónia Athayde (1998) - "Ourivesaria". *Museu de Lamego*. *Roteiro*. Lisboa: Museu de Lamego/IPM.

BASTOS, Celina & PROENÇA, José António (1998) - "Mobiliário". *Museu de Lamego. Roteiro*. Lisboa: Instituto Português de Museus / Museu de Lamego.

BASTOS, Celina & PROENÇA, José António (1999) - *Museu de Lamego. Mobiliário*. Lisboa: Instituto Português de Museus.

BEIRANTE, Maria Ângela (2003) - Crenças, Mitos e Ritos. In *Esta é a Cabeça de São Pantaleão*, Catalogo. Porto: Ed. Instituto Português de Museus.

BRAGA, Alexandra (2006) - "Píxide". IN *RESENDE*, Nuno, coord. *O Compasso da Terra. A Arte enquanto caminho para Deus*, vol. I. Lamego: Diocese de Lamego.

BRAGA, Alexandra (2000) – "A Prata no Museu". *Revista da Bienal da Prata*, n.º0. Porto: Bienal da Prata.

BRITO, Nogueira de [s/d] - *O Nosso Mobiliário*. Porto: Lello & Irmão.

COSTA, M.G. (1975). - *Lutas liberais e miguelistas em Lamego:* documentos inéditos. Lamego: Gráf. de Lamego, 1975.

CORREIA, Vergílio (1924) - *Vasco Fernandes Mestre do Retábulo da Sé de Lamego*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

[FLÓRIDO, Abel] (1983) - *Museu de Lamego: ourivesaria*. Lamego: Museu da Lamego/IPPC.

FONSECA, João Mendes (1789) - *Memoria chronologica dos excelentissimos prelados, que tem existido na cathedral desta cidade de Lamego* **[...]**. Lisboa: [Na Of. de Antonio Rodrigues Galhardo].

FONTANA, David (2003) – *El Lenguage de los Símbolos*. Barcelona: ed Blume.

GUIMARÃES, Alfredo & SARDOEIRA, Albano (1924) - *Mobiliário Artístico Português (Elementos para a sua História)* - I - Lamego, Porto: Ed. Marques de Abreu.

LARANJO, F. J. Cordeiro (1991). - *Museu de Lamego*. Lamego: C.M.Lamego.

MARQUES, Francisco João (2000) – Os itinerários da santidade. Milagres, Relíquias e Devoções. In Azevedo, Carlos Moreira (dir.) – *História Religiosa de Portugal*. Tomo II. S/ ed. Rio de Mouro: Circulo de Leitores S.A. e Autores.

MONTEREY, Guido de (1984) - *Terras ao Léu. Lamego*. Porto: ed. do autor.

PESSOA, Georgina Maria Rodrigues Pinto de Albuquerque (2007) – *Colecção de Bustos Relicários do Museu do Abade de Baçal. Fragmentos da religiosidade contra-reformista.* Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. (policopiado).

QUILHÓ, Irene (1970) - "Mobiliário". *Oito Séculos de Arte Portuguesa. História e Espírito*, vol. III, Dir. Reynaldo dos Santos. [s/l]: Ed. Notícias.

RÉAU, Louis (1996) - *Iconografia del arte cristiano. Iconografía de la Bíblia. Nuevo Testamento.* Tomo Barcelona: Ediciones del Serbal, Tomo 1 /volumen 2.

REIS-SANTOS, Luís (1946) - *Vasco Fernandes e os Pintores de Viseu no Século XVI.* Lisboa: edição do autor.

RESENDE, Nuno (2013) – "Assunção e Coroação da Virgem". In MORGADO, Pe. João Carlos & LOPES, Pe. Hermínio. *Igreja de Lamego. A Dimensão da Fé* [catálogo], Lamego, Diocese.

RODRIGUES, Dalila (Direção) (1992) - *Grão Vasco e a Pintura Europeia do Renascimento*. Lisboa: CNCDP.

RODRIGUES, Dalila (2002) - *Grão Vasco. Pintura Portuguesa del Renacimiento*. Salamanca: Consórcio Salamanca 2002.

RODRIGUES, José Júlio (1908) - *O Paço Episcopal de Lamego*. Porto: [Typ. a vap. da Emprêsa Litteraria e Ttypogrpahica], p. 25.

SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa (coord.) (2013) – *Espaço, Poder e Memória. A Catedral de Lamego, Séc. XII a XX.*. Universidade Católica Portuguesa. Centro de Estudos de História Disponível em http://issuu.com/066239/docs/a-catedral-de-lamego_40a7fdec4a550f.

SERRÃO, Vítor (2006) – "Assunção e Coroação da Virgem". In RESENDE, Nuno (coord). *O Compasso da Terra.* Lamego: Diocese, vol. 1.

EXPOSIÇÃO EXHIBITION

A Sé de Lamego no Museu

The Lamego Cathedral in the Museum

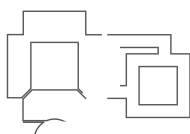
16 de março - 30 de abril de 2014 | no Museu Diocesano de Lamego

16 March - 30 April 2014 | at Museum Diocesano of Lamego

Organização

Parceria

Apoio

Agradecimentos

Projeto

Uma cidade. Dois museus

One city. Two museums

Museu de Lamego
Largo de Camões 5100-147 Lamego PORTUGAL
Tel + 351 254 600 230 | mlamego@culturanorte.pt
www.museudelamego.pt | /museu.de.lamego

Arquivo Museu Diocesano de Lamego
Casa do Poço: Largo da Sé 5100-098 Lamego PORTUGAL
Tel. + 351 254 666 195 | amdl@diocese-lamego.pt
/museu.diocesanodelamego